

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

RAQUEL GUEDES PIMENTEL

“E AGORA, JOSÉ?”:

**jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de
trabalho na região da grande Florianópolis.**

FLORIANÓPOLIS

2007

RAQUEL GUEDES PIMENTEL

“E AGORA, JOSÉ?”:

jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de trabalho na região da grande Florianópolis.

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a DULCE HELENA PENNA SOARES

CO-ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a EDITE KRAWULSKI

FLORIANÓPOLIS

2007

Raquel Guedes Pimentel

“E AGORA, JOSÉ?”:

jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de trabalho na região da grande Florianópolis.

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de junho de 2007.

Dr. Narbal Silva
(coordenador PPGP/CFH/UFSC)

Dr^a Dulce Helena Penna Soares
(PPGP/UFSC - Orientadora)

Dr^a Edite Krawulski
(PGP/UFSC – Co-orientadora e examinadora)

Dr. Kleber Prado Filho
(PPGP/UFSC – examinador)

Dr. Jorge Castellá Sarriera
(UFRGS - examinador)

Aos meus queridos pais, Francisco e Maria Helena, pelo apoio e amor incondicional;

Ao meu irmão Francisco por deixar a vida mais alegre;

Ao meu namorado Vicente pela dedicação e amor e

Aos jovens recém-formados, que buscam a cada dia um lugar ao sol.

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas e instituições colaboraram no processo de realização deste estudo. Seguem meus agradecimentos:

à UFSC, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e à Capes, pela oportunidade e pelo auxílio para a realização desta pesquisa;

aos psicólogos recém-graduados que gentilmente compartilharam de seu momento de vida comigo e contribuíram para a concretização deste estudo;

à orientadora, Dr.^a Dulce Helena Penna Soares, pelo apoio, compreensão e incentivo;

à Dr.^a Edite Krawulski, co-orientadora deste trabalho, pela seriedade, inspiração e competência na ajuda oferecida em momentos importantes da sua elaboração;

à professora Carla Cristina Dutra Búrigo, pelo importante auxílio no desenho do projeto deste estudo;

aos membros da banca, que cordialmente aceitaram participar da avaliação desta dissertação;

aos amigos, fazendo-se presentes de diversas formas, pelas palavras de incentivo e pela paciência de ter uma amiga “mestranda”, com todos os predicados que essa condição implica: Aline, Analu, Mari, Cristina P. de Jesus, Adriano, Geruza, Karin, Ana Carol, Kel, Phê, Syl, Augusto, Márcio, Leo, Vânia, Rob, Silvinha, Denise, Lisa, amigas do grupo SELF e querida família Villa de Lima;

aos queridos tios, tias, primos, primas e queridos avós, pelo estímulo e pela fé;

ao meu amado namorado Junior Vicente, pela paciência, apoio, incentivo, aceitação, *feedback*, amor, carinho e dedicação;

ao meu irmão Chico e aos meus pais Francisco e Maria Helena, pessoas imprescindíveis em minha vida, pelo apoio e amor incondicional, por acreditarem sempre em meu potencial e por apostarem em meus sonhos;

finalmente, à Deus, pela vida.

RESUMO

PIMENTEL, Raquel Guedes. **“E AGORA, JOSÉ?”: jovens psicólogos recém formados no processo de inserção no mercado de trabalho.** 2007. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como os jovens recém-formados em Psicologia vivenciam sua inserção no mercado de trabalho na região da Grande Florianópolis – SC. Os participantes desta pesquisa foram 7 psicólogos, cujo tempo de formação variava da graduação recente a dois anos, dentre os quais, cinco eram mulheres e dois homens, com idades entre 24 e 28 anos. A pesquisa foi de natureza qualitativa, e o instrumento para a coleta das informações foi uma entrevista semi-estruturada. A técnica utilizada para tratar os achados deste estudo foi a análise de conteúdo. Por meio dessa análise, três grandes temas foram identificados: processo de inserção no mercado de trabalho, sentimentos vividos durante o processo de inserção e constituição da identidade profissional. A partir desses temas, emergiram as seguintes categorias: (1) percepções sobre o mercado de trabalho para os psicólogos, (2) estratégias de inserção, (3) o papel da universidade; (4) baixa auto-estima, (5) medo, (6) ansiedade, (7) angústia, (8) depressão, (9) frustração; (10) fim do vínculo com a universidade, (11) inserção como passagem para vida adulta; e (12) inserção como afirmação da identidade profissional. O confronto das expectativas existentes logo após a formatura com as adversidades encontradas nas tentativas de inserção profissional marcou a subjetividade desses jovens de maneira impactante, na medida em que eles se depararam com as contradições no mundo atual do trabalho. As conseqüências subjetivas desse processo para a maioria desses jovens foram: o abalo da auto-estima, ansiedade, depressão, desestruturação da identidade profissional, insegurança, angústia, medo frente ao futuro, vergonha e culpa. Estes, por sua vez, utilizaram como estratégias de inserção: o envio de currículos para empresas privadas da região via *Internet*, a participação em concursos públicos para vagas em Psicologia ou cargos que exigissem apenas o ensino médio, trabalhos voluntários e continuidade dos estudos. Em síntese, as dificuldades de inserção profissional imprimiram nesses recém-graduados uma desestruturação identitária, pois não estavam conseguindo concretizar o saber em fazer.

Palavras-chave: Inserção Profissional. Jovem. Psicologia. Identidade Profissional. Inclusão Social.

ABSTRACT

PIMENTEL, Raquel Guedes. **"AND NOW WHAT, JOSÉ?": recently graduated young psychologists during the professional insertion process in the labour market.** 2007. 93 f. Thesis (Master's degree in Psychology) - Pos-Graduation Program in Psychology in the Federal University of Santa Catarina, 2007.

This research had as a goal to comprehend how the recently graduated psychologists youths live their insertion to the labour market in the area of the Great Florianópolis – Santa Catarina state - Brasil. The participants of this research were 7 psychologists, whose the time of graduation varied from the recent graduation to two years. Five of them were women and two were men, with ages between 24 and 28 years old. The research was of qualitative nature, and the instrument for the information collection was a semi-structured interview. The technique used to treat the discoveries of this study was the content analysis. Through that analysis, three great themes were identified: the insertion process into the labour market, the feelings lived during the insertion process and the constitution of the professional identity. As of those themes, the following categories emerged: (1) the psychologists perceptions on the labour market, (2) the insertion strategies, (3) the university role; (4) low self-esteem, (5) fear, (6) anxiety, (7) anguish, (8) depression, (9) frustration; (10) the end of the nexus between them and the university, (11) the insertion as a transition for adult life; and (12) insertion as a statement of the professional identity. The confrontation of the existent expectations just after the graduation with the adversities found in the professional insertion attempts marked to the subjectivity of those new psychologists in a striking way, as they came across the contradictions in the current work world. The subjective consequences of that process for most of those people were: the disturbance of the self-esteem, anxiety, depression, a shock in the professional identity, insecurity, anguish, fear front the future, shame and guilty. They used as insertion strategies: the sending of curriculum vitae through Internet for the private companies, the participation in public concourses for vacancies in Psychology or positions that just demanded the high school, voluntary works and the extension of studies. To summarize, the professional insertion difficulties have printed in those recently graduated professionals an impact into their professional identities because they were not getting to materialize the knowledge learned during the graduation course in working as psychologists.

Keywords: Professional insertion. Youth. Psychology. Professional identity. Social inclusion.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	11
2 MARCO TEÓRICO	17
2.1 Trabalho, emprego e cenário atual	17
2.2 Identidade e Trabalho	21
2.3 A transição universidade – mundo do trabalho	28
2.4 Contextualizando o cenário da Psicologia.....	30
3 CAMINHO METODOLÓGICO	34
3.1 Caracterização e cuidados éticos do estudo	34
3.2 A fase exploratória do campo	35
3.3 Participantes do estudo	36
3.4 Coleta e análise de dados	38
3.4.1 Instrumento da pesquisa	38
3.4.2 Processo de coleta de dados	39
3.4.3 Análise do material coletado	39
4 ACHADOS DA PESQUISA	41
4.1 Perfil e descrição dos participantes	41
4.1.1 Luisa	41
4.1.2 Melanie	44
4.1.3 Melissa	47
4.1.4 Rafael	49
4.1.5 Louis	51
4.1.6 Gisele	53
4.1.7 Lívia	55
4.2 Apresentação, análise e discussão dos temas e categorias	58
4.2.1 O processo de inserção no mercado de trabalho	58
4.2.2 “E agora, José?”: sentimentos vividos na busca da inserção	67
4.2.3 Identidade profissional	70
5 SÍNTESE FINAL	74
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICES	83
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	84
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	86
ANEXOS	88
ANEXO A – PARECER NÚMERO 261/2006	89
ANEXO B – TABELA CORRELACIONANDO DIPLOMA E OCUPAÇÃO	91

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, Você?
Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio, - *e agora?*

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse....
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Carlos Drummond de Andrade

(2006, p.30)

APRESENTAÇÃO

“E agora, José?”, poema de Carlos Drummond de Andrade, traduz de maneira precisa o sentimento de incerteza diante do porvir. Ao sair da faculdade, os novos profissionais estão cheios de incertezas e esperanças de que o diploma irá lhes assegurar um trabalho na profissão escolhida. A primeira pergunta que se fazem frente ao mercado de trabalho assemelha-se ao famoso verso que batiza este estudo e inicia o presente parágrafo.

Assim como esses jovens profissionais, também me fiz essa pergunta ao concluir a faculdade de Psicologia. Deparei-me com a dúvida. Naveguei pela insegurança, flertei com a esperança e lancei-me na busca de trabalho e emprego em minha área. O que encontrei, em um primeiro momento, foi muito diferente do que sonhei: a realidade do mercado de trabalho com sua escassez de oportunidades.

Percebi em minha volta diversos amigos e colegas que se formaram comigo experimentando os dissabores causados pelas dificuldades de inserção profissional. Não somente colegas psicólogos, mas muitos coetâneos meus de diversas carreiras.

Como estratégia de inserção, decidi percorrer o caminho da educação continuada e fazer o mestrado em Psicologia, pois a carreira acadêmica fez parte de meus projetos desde o início da faculdade. Contudo, em um primeiro momento, logo após minha formatura, senti-me ávida por colocar em prática o que havia aprendido. Na impossibilidade de realizar meu desejo e exercer minha profissão naquela ocasião, decidi antecipar meu projeto na vida acadêmica.

Busquei na pesquisa a possibilidade de atuação do psicólogo na construção do saber científico. Minha escolha por estudar o tema da inserção de recém-formados no mercado de trabalho não foi, portanto, ingênua, tampouco inocente. Ao olhar para a realidade social que me circunscrevia naquele momento, esse era o tema que me avocava de todas as formas. O que mais me intrigava era perceber esse fenômeno social acometer tantos jovens.

Almejei investigar esse fenômeno em diversas profissões, mas devido à insuficiência de tempo que o programa de mestrado nos impõe, decidi restringir-me à Psicologia. As razões que justificam essa escolha superam o evidente argumento de que a área escolhida como alvo de investigação é a mesma da qual participo.

No Brasil, a Psicologia como profissão tem uma história recente e, na qualidade de ciência, engloba uma pluralidade de saberes. Desde sua regulamentação, há 43 anos atrás, a Psicologia tem discutido e ampliado seu lugar na sociedade e nos ambientes de trabalho.

Ao longo de todos esses anos, essa profissão foi conquistando espaços de atuação em diversos contextos. No entanto, ainda é considerada elitista, supérflua e voltada apenas para o âmbito individual. Ainda há muitos mitos acerca das práticas profissionais da Psicologia, assim como essa profissão permanece desconhecida quanto aos seus resultados e implicações em diferentes espaços. E é precisamente a inserção profissional do psicólogo no panorama atual que essa pesquisa procura inscrever. A visível contradição entre a ampliação dos espaços e a falta de oportunidades evoca alguns questionamentos, como, por exemplo: qual o papel do cenário econômico na falta de empregos para psicólogos? Quais as características desses novos espaços de trabalho?

Esses motivos, somados à minha trajetória, contribuíram para a escolha do tema desta pesquisa direcionada à inserção profissional do psicólogo.

Boa leitura a todos!

INTRODUÇÃO

O trabalho pode ser apontado como a prática central da atividade humana, independentemente do campo e da configuração sob a qual essa atividade é desenvolvida. É uma experiência marcada por sua ação transformadora e pela capacidade de modificação de um dado aspecto da realidade. Para Krawulski (2004), trabalhar consiste em desafiar a realidade, buscando a superação e a busca pela inserção no ambiente da socialidade.

O advento do trabalho inicia no momento em que o homem busca meios para satisfazer suas necessidades, a cada período histórico. No decorrer do tempo, as grandes mudanças estruturais da sociedade serviram de palco para as transformações ocorridas nas atividades de trabalho, exigindo do trabalhador constante busca por novos modos de ser e agir.

A Revolução Industrial, ocorrida a partir do final do século XVIII, marcou de forma decisiva a maneira pela qual o trabalho se apresenta atualmente, uma vez que impôs o modelo de mercado na base da atividade laboral humana e a lógica do lucro como sua principal finalidade. Assim, consolidou-se a ideologia do progresso, alavancando o processo de submissão do trabalho ao capital (KRAWULSKI, 1991).

As últimas décadas do século XX e o início do século XXI foram marcados por mudanças estruturais no cerne do processo produtivo em virtude de grandes transformações tecnológicas, culturais, sociais e políticas. A economia mundial passou a apontar novas tendências com base na demanda do mercado, exigindo uma reestruturação direta ou indireta nas organizações dos modelos de gestão e nos processos produtivos. Dessa forma, as relações de trabalho foram sensivelmente modificadas, gerando um novo perfil ao profissional do mundo contemporâneo e, como consequência, as características de exclusão econômica e social do sistema capitalista foram acentuadas, especialmente no Brasil, país cuja estrutura social é historicamente desigual e excludente.

O desemprego, então, alcançou índices alarmantes, principalmente pelo despreparo da população trabalhadora para conviver com as exigências de um trabalho mais qualificado, pelo difícil acesso dos produtos nacionais ao padrão internacional de competitividade (GUIMARÃES; GOULART, 2002) e pela falta de preparo do governo para criar alternativas para a crise, entre diversos outros fatores.

Na perspectiva do senso comum, a palavra *desemprego* significa “falta de emprego ou ociosidade involuntária daqueles que estão dispostos a trabalhar e não encontram quem os

empregue.” (HOUAISS, 2005)¹. Outra definição encontrada no mesmo dicionário diz respeito aos “trabalhadores não qualificados para um mercado de trabalho que, devido a transformações na tecnologia da produção e a mudanças no padrão de consumo, está dirigido para a mão-de-obra especializada”. A literatura especializada aponta que o conceito de desemprego surgiu no século XIX junto com a noção de mercado de trabalho, no contexto da Revolução Industrial. A relação entre esses dois conceitos permite uma compreensão ampliada do que significa desemprego atualmente nas economias de industrialização tardia: o desemprego revela os efeitos das “crises recessivas e das mudanças tecnológicas, apresenta um aspecto crônico, resultante do próprio modelo de desenvolvimento e que pode ser qualificado por desemprego estrutural” (GALEAZZI, 2002, p. 68).

Nesse contexto, a inserção profissional de recém-graduados² no ensino superior torna-se cada vez mais adversa para uma expressiva parte das áreas de atuação. Ao saírem da faculdade, os novos profissionais, em sua maioria, deparam-se com as dificuldades de conseguir um emprego na área em que se formaram e passam a contribuir para as estatísticas de desemprego no País.

Essa lógica faz com que a responsabilidade pela inserção e permanência no mercado de trabalho recaia somente sobre os profissionais recém-graduados, evidenciando ainda mais as contradições desse sistema. Por um lado, os jovens procuram aumentar sua qualificação por meio de cursos e treinamentos e, por outro, o atual modelo econômico mundial e a ideologia capitalista são mantenedores do desemprego e da crescente diminuição de empregos.

Tendo em vista que o trabalho ocupa um papel essencial na construção da subjetividade da mulher e do homem, pois algumas dimensões humanas – física, psíquica e social – são por ele englobadas, a identidade do trabalhador começa a ser formada desde cedo por meio da identificação com os modelos adultos e/ou pela via da inserção no mundo do trabalho. Essa inserção é percebida, muitas vezes, como consequência de uma vida “normal”, sendo valorizada na sociedade baseada na produtividade (JACQUES, 2002).

Em contrapartida, a não inserção profissional no mercado de trabalho passa a ser sinônimo de desemprego e exclusão social. O desemprego estrutural afeta milhares de pessoas no mundo, sobretudo, a população jovem (POCHMANN, 2000). O estudo na área de economia de Flori (2004) afirma que há dois principais determinantes do desemprego na

¹ A título de esclarecimento, a versão utilizada nesse trabalho do dicionário Houaiss (2005) é eletrônica e, por essa razão, as citações não possuem página.

² No presente estudo, a expressão “recém-graduado” designa as pessoas que concluíram um curso universitário, tal como é utilizada pelo senso comum. A expressão “recém-formado” pode ser compreendida aqui como sinônimo de “recém-graduado”.

população jovem: as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e as dificuldades de permanência nos empregos conquistados. Pesquisas recentes realizadas mensalmente nas regiões metropolitanas do Brasil, a fim de avaliar o comportamento do emprego-desemprego (PED – Pesquisa Emprego-Desemprego, DIEESE, 2006), confirmam o crescente desemprego entre jovens entre 16 e 24 anos.

A passagem do papel de estudante para o de profissional tem sido cada dia mais complexa dentro do cenário econômico atual. A partir da análise de algumas pesquisas, Guimarães e Goulart (2002) destacam os crescentes obstáculos que vêm dificultando a inserção do jovem no mercado de trabalho, como, por exemplo, a escassez de oportunidades, e consideram essa população como um dos principais segmentos a ser cada vez mais pressionado pelas transformações do mundo contemporâneo. Mencionam também que o atual quadro socioeconômico em que o Brasil figura conduz os jovens a terem uma visão cada vez mais pessimista sobre o seu futuro.

Outro aspecto desse cenário é ressaltado em um estudo (FELISBERTO, 2001), o qual evidencia que o diploma universitário não é mais uma garantia de emprego, uma vez que as inúmeras exigências do mercado atual colaboram para o discurso da empregabilidade, culminando, também, em um elevado índice de desemprego entre o público graduado no ensino superior. Guimarães e Goulart (2002) chamam essa situação de “desemprego de inserção”, realidade que atinge a maioria dos jovens no Brasil, não apenas os recém-graduados, mas também jovens entre 16 e 25 anos que necessitam de emprego para sobreviver. Esse é um tema que merece especial atenção, pois, além de ser um problema social, político e econômico, interfere na constituição da identidade profissional dos jovens.

No tocante a essa interferência, Krawulski (2004) resalta em sua tese que o exercício do trabalho é parte essencial da identidade profissional de uma pessoa, que será consolidada ao longo da trajetória profissional. Assim, o primeiro emprego ajuda a solidificar cada vez mais essa identidade.

Os psicólogos, assim como outros trabalhadores, buscam inserir-se na teia das relações produtivas a partir da conclusão da formação acadêmica. Esse caminho lhes abre a possibilidade de desenvolver suas identidades profissionais, despertando o sentimento de pertença a um grupo específico que geralmente legitima o fazer profissional (KRAWULSKI, 2004). No entanto, a busca pelo primeiro emprego após a formatura figura-se também para essa categoria profissional como um desafio.

Nesse sentido, a Orientação Profissional (OP), em suas preocupações voltadas à relação homem-trabalho, pode contribuir significativamente com jovens que vivenciam a

experiência de buscar se inserir no mercado de trabalho, seja por meio de uma leitura da realidade em que estão inseridos, seja na busca por estratégias para enfrentar o desemprego. O principal objetivo da OP, segundo Soares-Lucchiari (1993), é facilitar as escolhas profissionais e de carreiras do jovem, auxiliando-o a compreender sua atual conjuntura de vida. A partir dessa compreensão, ele terá a possibilidade de ampliar as possibilidades e definir as melhores escolhas possíveis dentro de seu projeto de vida e do contexto em que vive. Também a partir dessa compreensão, sob orientação e coordenação da Profa. Dra. Dulce Helena Penna Soares, o Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP) do Departamento de Psicologia da UFSC passou a oferecer, em parceria com a Central de Carreiras da mesma universidade, o programa Planejamento de Carreira como uma forma de operacionalização desse auxílio. Esse programa caracteriza-se como uma disciplina optativa, oferecida a todos os estudantes da universidade, em que são trabalhados com os jovens temas como autoconhecimento e informação profissional, possibilitando a tomada de decisões relativas à profissão de maneira consciente, bem como o intento de desenvolver estratégias para a inserção no mercado de trabalho.

Realizou-se uma revisão bibliográfica nas bases de dados da Capes (2005), Scielo (2005) Index Psi (2005) e Scholar Google (2006, 2007) em busca de pesquisas que tratassem do tema do **jovem adulto recém-graduado no ensino superior em busca de inserção profissional**. Quatro trabalhos foram encontrados, porém com foco no público universitário, prestes a entrar no mundo do trabalho: Neiva (1996), Dias (2000), Melo (2002) e Teixeira (2004). Apenas um trabalho foi encontrado com foco voltado especificamente ao público recém-formado no ensino superior, o de Guimarães e Goulart (2002), os quais tecem uma investigação sobre os impactos psicossociais e identitários que a dificuldade de inserção profissional produz em jovens recém-graduados.

A pesquisa do **tema desemprego juvenil** trouxe nas bases de dados um trabalho na área da Economia, de Flori (2004), investigando as causas do desemprego em jovens; e um trabalho na área da Psicologia, de Wickert (2006), inquirindo acerca do desemprego em jovens em busca da primeira experiência profissional.

Considerando a carência de pesquisas com jovens recém-formados e todos os aspectos concernentes a esse tema referidos anteriormente, este estudo buscou responder à seguinte questão de pesquisa: **como os jovens recém-graduados em Psicologia vivenciam a inserção no mercado de trabalho?**

O **objetivo** deste estudo foi, então, compreender como os jovens recém-formados vivenciaram o processo de inserção no mercado de trabalho. Como **objetivos específicos**, almejou-se:

- a) identificar como o jovem se sentiu na qualidade de recém-graduado;*
- b) analisar quais foram as condições envolvidas para a inserção no mercado de trabalho e como foram percebidas pelos jovens;*
- c) desvelar se o jovem se identifica com a profissão na qual se graduou;*
- d) identificar quais as expectativas dos jovens em relação à inserção profissional;*
- e) identificar as estratégias utilizadas pelos jovens recém-formados no processo de inserção no mercado de trabalho;*
- f) identificar as dificuldades que o jovem encontra no processo de inserção;*
- g) investigar quais recursos e/ou fontes de apoio esses jovens utilizam.*

O **caminho percorrido** neste estudo como opção metodológica configurou-se na abordagem qualitativa de pesquisa, a partir do propósito de buscar a compreensão do fenômeno em seus diversos aspectos: significados, valores e aspirações (MINAYO, 2003).

Participaram da pesquisa jovens psicólogos recém-graduados em busca de inserção no mercado de trabalho, residentes na região da Grande Florianópolis – SC e formados há **até** 2 anos antes de se iniciar a presente investigação.

Esta pesquisa **justificou-se**, portanto, por sua relevância social e teórica. Por um lado, a inserção desses jovens figura-se como um problema social, devido à escassez de oportunidades em relação ao número de recém-formados anualmente e às implicações dessas dificuldades na identidade profissional desses jovens; por outro, teoricamente, há poucos trabalhos acerca desse tema tão atual. Dessa forma, os **resultados** obtidos a partir da investigação de como os jovens psicólogos vivenciam esse momento de inserção profissional apontam possíveis caminhos teóricos para uma compreensão ampliada da questão e caminhos práticos no sentido de vislumbrar possibilidades de ação perante o problema e de fornecer subsídios à academia, a fim de rever suas práticas de ensino-aprendizagem.

Os capítulos subsequentes do trabalho são apresentados da seguinte maneira:

- a) Marco Teórico: um debate teórico entre algumas áreas de conhecimento e a Psicologia, com intuito de fundamentar a temática pesquisada;

- b) Caminho Percorrido: capítulo em que é explicitada a caracterização do estudo, assim como os demais procedimentos metodológicos, desde os critérios para a escolha dos participantes até a coleta e análise das informações;
- c) Achados da Pesquisa: esse capítulo traz uma descrição minuciosa dos informantes, a apresentação das categorias elaboradas com base na análise de conteúdo a fim de responder aos objetivos propostos na pesquisa;
- d) Síntese Final: as principais reflexões desenvolvidas a partir do estudo são levantadas nesse capítulo, bem como algumas recomendações para pesquisas vindouras.

2 MARCO TEÓRICO

A fim de fundamentar o tema escolhido para esta pesquisa, as opções teóricas e categorias escolhidas visaram integrar alguns aspectos considerados importantes para caracterizar o olhar sobre o objeto de estudo. Trata-se, assim, da racionalização da problemática, precisando e refinando o aparelho conceitual da pesquisa (LAVILLE, 1999). Assim, apresenta-se nos tópicos subseqüentes a fundamentação da relação do ser humano com o trabalho e a busca pela inserção profissional, bem como a busca da confirmação da identidade profissional.

2.1 Trabalho, emprego e o cenário atual

“Mas o trabalho existe e determina nossas vidas, hoje, mais do que em outras eras”.
(CODO, 1996, p.21)

Faltam 5 minutos para começar a reunião de trabalho de Lúcia. Presa em um engarrafamento enorme, Lúcia se deixa dominar pela ansiedade e liga para o secretário avisando que irá se atrasar alguns minutos. Enquanto o carro está parado no interminável sinal vermelho, começa a ensaiar mentalmente a apresentação de seu projeto. Após alguns segundos de toda essa atividade mental, Lúcia percebe que, diante de si, no lado de fora de seu carro, há um homem vestido de palhaço fazendo malabarismos com duas chamas de fogo. Seu olhar se perde na dança das duas chamas, e, absorta naquele movimento e sem piscar os olhos, cai em si e percebe a buzina dos carros de trás. Pensa consigo mesma: “Não tenho moedas para dar esmolas outra vez... não tenho que consertar o mundo. Se ele quisesse de verdade, estaria trabalhando...” E assim, segue para seu emprego para apresentar seu projeto. Esse é um dia importante e Lúcia sabe que não sairá do trabalho antes das 20h (cena inventada pela autora da dissertação).

A cena descrita acima retrata, em certa medida, o que é trabalho e o que a personagem, como representante do pensamento do senso comum, acredita que seja trabalho. Para Lúcia, o que o palhaço fazia no trânsito não era trabalho. O conceito popular de trabalho está intrinsecamente relacionado ao conceito de produção (CODO, 1996). Sob essa ótica, uma dona de casa que realiza diversas atividades não trabalha, o desempregado que faz “bicos” para sobreviver não trabalha, e o palhaço que faz malabarismos no sinal de trânsito também não trabalha. Esse é o olhar corriqueiro sobre o trabalho. Não obstante, o conceito de trabalho, em sua essência, não se resume à questão produtiva. Por meio do trabalho, pode-se perceber com clareza o que diferencia os homens dos animais. Um passarinho joão-de-barro vive a

trabalhar construindo abrigos para seus filhotes. Na relação entre a natureza e o João-de-Barro, as duas partes são transformadas, sem, contudo, transcender a relação e produzir significados.

O ser humano diferencia-se dos animais por ser consciente, por atribuir significados àquilo que faz (CODO, 1996). Dessa forma, é capaz de estabelecer uma relação dialética com a natureza, mediada pela consciência (MARX, 1983). O olhar marxista sobre o trabalho permite perceber que o palhaço malabarista, mencionado no exemplo acima, estava trabalhando, assim como a dona de casa que realiza ações planejadas, que é capaz de criar e tomar decisões.

Trabalho é uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza. A diferença entre o trabalho dos animais para o dos homens é que o ser humano produz significado em sua relação com a natureza. O significado define-se pela transcendência à relação sujeito-objeto (CODO, 1996, p.25).

Trabalho, todavia, não é sinônimo de emprego. Como foi mencionado anteriormente, o palhaço malabarista trabalha, pois atribui significado ao que faz. Precisa treinar as técnicas, planejar aonde vai se apresentar, se porventura pode ganhar algum dinheiro etc. Contudo, não necessariamente é remunerado por isso. Não possui vínculo legal, não é subordinado a ninguém e tampouco recebe um salário. Lúcia, por sua vez, tem um emprego em que recebe um salário mensal, vínculo empregatício, um chefe a quem deve responder, vale-transporte e carteira assinada. Ambos trabalham, Lúcia tem um emprego. Esse simples exemplo ilustra uma realidade dura em nosso País e no mundo contemporâneo: milhares de pessoas trabalham, porém nem todas têm emprego.

Para Alves (2007, p. 3) o significado do emprego no mundo de hoje vai além da estabilidade financeira e econômica:

[...]o emprego assegura [...] o estabelecimento de relações sociais, uma organização do tempo e do espaço e uma identidade. A importância que lhe é conferida decorre, assim, da sua função integradora. Ele permite a integração econômica e a participação na esfera do consumo; ele permite a integração social e cívica pelas relações sociais que potencia, pelo estatuto que confere e pelo acesso que assegura aos direitos e às garantias sociais.

Nesse momento atual, o mundo do trabalho está em colapso. Há uma evidente contradição, muito bem apresentada por Antunes (1999), ao mostrar os resultados dessa crise ocorrida com o mundo produtivo do capital, em especial, nos últimos 40 anos: enquanto uns

sofrem com a falta de emprego estável, outros sofrem pelo acúmulo de funções, ocasionando o excesso de trabalho.

É por meio da terceirização do trabalho e com o advento de novas tecnologias que se trabalha cada vez mais, em função do capital. Há a chegada de tecnologias inovadoras na organização do trabalho concomitantemente ao (muito) crescente desaparecimento dos empregos estáveis (ANTUNES, 1999).

Atualmente um fato peculiar ocorre em grande escala: uma diminuição significativa de empregos e o aumento da mão-de-obra trabalhadora. Como consequência, as empresas que não necessitam de trabalho qualificado passam a exigir maior qualificação dos trabalhadores por haver uma força de trabalho excedente (ANTUNES, 1999).

Nos termos de Frigotto (2001), o resultado do aumento na produtividade da economia por meio do desenvolvimento tecnológico é o desemprego estrutural sem precedentes na história: mais de um bilhão de desempregados no mundo. Na medida em que se amplia o desemprego estrutural, expande-se a quantidade de trabalhadores precarizados em seu trabalho pelos contratos temporários, evidenciando outra face dessa crise no mundo globalizado.

O desemprego estrutural é uma forma de exclusão social resultante da complexa forma como as relações sociais foram e são articuladas ao longo da História: por meio das relações de classe. Marx e Engels (1993, p.69), desde “O Manifesto Comunista”, publicado em 1848, anteviram o processo de globalização com suas nefastas consequências:

[...] o contínuo revolucionamento (*Umwälzung*) da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a eterna agitação e incerteza distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. Tudo o que é sólido se volatiliza, tudo o que era sagrado é profano, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões suas verdadeiras condições de vida e suas relações como espécie. A necessidade de um mercado cada vez mais em expansão para seus produtos impele a burguesia a invadir todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda a parte, explorar em toda a parte, criar vínculos em toda a parte.

Outra faceta que emerge com veemência nesse cenário é o discurso da qualificação. No Brasil, um programa de televisão de rede aberta mostrou, há pouco mais de dois anos, um número expressivo de pessoas na cidade do Rio de Janeiro enfrentando o processo seletivo

para a função de gari. Na fila de espera para a inscrição ao concurso, havia advogados, professores, dentistas, entre muitos profissionais “qualificados”. A qualificação mínima exigida para ser gari era o Ensino Médio completo, sendo este um emprego que demandaria esforço físico maior que intelectual. Excluiu-se, portanto, um número significativo de pessoas desempregadas e não “qualificadas”, num país em que o índice de analfabetismo é elevado.

O que é que se passa no mundo produtivo da empresa flexível, nesse ideário e nessa pragmática que marca o mundo contemporâneo? É preciso que o trabalhador se “qualifique”, porque como tem mais de um bilhão de homens e mulheres precarizados ou desempregados, *part-time*, algo como um terço da força humana que trabalha, resta a alternativa – diz ideologicamente o capital – da “qualificação”, da busca de “empregabilidade” para o trabalhador sair dessas formas de precarização e desemprego mundial (ANTUNES, 1999, p. 57).

Frigotto (2001) denuncia o discurso da qualificação como um ajuste global do campo educativo conduzido para uma concepção produtivista, com o intuito de desenvolver em cada pessoa um “banco ou reserva de competências” que garanta, de tal modo, a empregabilidade. Dessa forma, o papel econômico atribuído à educação “passa a ser a empregabilidade ou a formação para o desemprego” (p. 10).

Há, ainda, algo mais grave que ocorre em virtude da empregabilidade: a responsabilidade pelo desemprego acaba sendo deslocada para o plano individual. Essa armadilha faz com que os indivíduos partam para uma busca desenfreada por qualificação e competências individuais, acrescentando ao currículo um maior número possível de atributos ditados pelo mercado de trabalho. Frigotto (2001) atribui ao Estado a responsabilidade pela falta de uma política de emprego e constata a triste realidade imposta às pessoas: há, assim, os “indivíduos empregáveis ou não, requalificáveis. Para os não empregáveis resta-lhe um tempo infindo de procura por um emprego” (p. 11).³

Mediante essa crise do desemprego estrutural, o mundo torna-se, assim, cada vez mais assimétrico, e a divisão da humanidade configura-se em excluídos, incluídos e precarizados. E

³ Frigotto (2001, p. 7) vislumbra possibilidades políticas sociais mediante essa crise: “A primeira idéia básica sustenta que para serem democráticos as diretrizes e organização do campo educativo têm que ser o resultado de um processo que se articule a um projeto societário que instaure mecanismos de democracia e cidadania efetivas que viabilize o acesso aos bens econômicos e culturais às maiorias excluídas. Ou seja, um projeto calcado na idéia da autonomia dos povos, de desenvolvimento humano, social e relações econômicas, políticas e culturais solidárias no plano internacional – uma globalização incluyente”.

é justamente nesse cenário que os jovens recém-formados – participantes dessa pesquisa e mais milhares de outros jovens – procuram um lugar ao sol: a inserção profissional.

2.2 Identidade e trabalho

A expressão “crise de identidade” tornou-se um jargão do mundo moderno-contemporâneo. Para compreender melhor o que essa afirmativa quer dizer, há que se trazer à tona o debate recorrente sobre o conceito de identidade de algumas correntes teóricas e o contexto em que esse debate figura.

A idéia de um sujeito unificado e estável marcou por muito tempo o conceito de identidade. O indivíduo que vive no mundo atual sente essa estabilidade ruir na medida em que se depara com um pluralismo de novos paradigmas em todos os âmbitos da sociedade, desde a cultura até as relações de intimidade.

Harvey (2003), ao discutir sobre as mudanças no mundo moderno, pontua algumas características marcantes que ajudam a elucidar como se configura o mundo atual:

[...] geralmente percebido como positivista, tecnocêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais, e com a padronização do conhecimento e da produção. O pós-modernismo, em contraste, privilegia a “heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural.” A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) “totalizantes” são o marco do pensamento pós-moderno (2003, p.19).

A partir de algumas leituras realizadas sobre o tema identidade, buscou-se percorrer algumas correntes teóricas das Ciências Sociais e da Psicologia a fim de compreender esse conceito. Não se pretende dar conta desse conceito em sua totalidade – até mesmo porque, ao se tratar de temas concernentes a seres humanos, como Psicologia e sociedade, é ilusão acreditar que se pode chegar à essência, ou a uma definição definitiva – mas estar a par do que tem sido debatido ultimamente.

Na perspectiva dos estudos culturais, Silva (2004), ao tentar definir os conceitos de identidade e diferença, mostra que em toda afirmação identitária há diversas negações implicadas, como, por exemplo, a afirmação “sou brasileira” implica a negação “não sou alemã”, “não sou indiana” etc. Seria deveras complicado alguém se definir pelas negações, dizendo tudo o que não se é. A recíproca também é verdadeira para definir diferença: ao dizer

que Maria é portuguesa, além de estarem implícitas as negativas de tudo o que ela não é, está claro que ela não é brasileira; portanto, ela é diferente do que eu sou. A identidade e a diferença são, pois, segundo esse autor, interdependentes.

Na perspectiva em que a diferença é o produto da identidade, está explícito que a identidade é o ponto de referência para a definição da diferença. Percebe-se uma tendência de tomar aquilo que se é como sendo a regra ou norma pela qual avaliamos tudo o que não se é. Silva (2004) busca compreender esses dois conceitos numa perspectiva em que identidade e diferença são mutuamente determinadas.

Ciampa (1998), por sua vez, pontua que a questão da identidade é central para a Psicologia Social quando é compreendida como metamorfose, ou seja, considerando o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que ocorre dentro de condições materiais e históricas dadas.

Para compreender como a identidade assume esse caráter de metamorfose, Ciampa (1998) aponta para a importância do sentido que Habermas atribui ao agir comunicativo (de regras de distribuição, com repartição de presa no interior da coletividade), além do estratégico (organização cooperativa com certa divisão de trabalho) e instrumental (de técnicas com armas e instrumentos), para a caracterização da vida humana. O filósofo alemão dividiu as estruturas do agir de acordo com os papéis que designam, apontando para um novo grau de desenvolvimento que tem implicações para além das estruturas do trabalho social: a reprodução da vida, que envolve a estrutura social familiar.

Assim, aponta que somente com o surgimento da estrutura social familiar é que se poderia falar na substituição do sistema animal de *status* – que já entre os macacos antropóides se funda em interações mediatizadas simbolicamente – por um sistema de normas sociais que pressupõe a linguagem. Assinala, ainda, que o conceito marxista de trabalho social delimita adequadamente a forma de vida dos homínídeos com relação à dos primatas, mas não capta a esfera da reprodução. Portanto, a caracterização da vida especificamente humana requer uma relação entre o conceito de trabalho e de princípio familiar de organização, socialização.

Dessa forma, (CIAMPA, 1998) considera que a Psicologia inserida em uma abordagem histórica e social, ao levar em conta adequadamente esses aspectos superestruturais (o que requer também considerar a esfera do agir comunicativo) – entende a identidade – definida como metamorfose – como articulação da subjetividade e da

objetividade: o “vir-a-ser-sujeito” implica a dialética da constituição recíproca de ambas (CIAMPA, 1998).

Por meio dessa perspectiva, a identidade é metamorfose como processo que articula objetividade e subjetividade, situando o sujeito no mundo, existindo sempre como relação. Ao se apropriar do termo metamorfose para explicar identidade, Ciampa (1998) refere-se a um processo que é histórico e social e não “natural” como o que ocorre com a borboleta, por exemplo. Em suas palavras,

[...] a metamorfose a que se refere, de tornar-se humano, só é possível porque – além de produção de meios de subsistência (possível pelo agir instrumental e pelo agir estratégico) – há a produção de sentido (possível pelo agir comunicativo) [...] Com isso, percebe-se que o processo de formação e transformação da identidade pessoal é central para o processo de reprodução da vida humana, implicando a reprodução da cultura, da sociedade e do indivíduo, três elementos distintos, mas indissociáveis como produtos e ao mesmo tempo como produtores de sentido (p. 93).

No que se refere a esse aspecto, Ciampa (1998) ressalta, então, a importância do agir para a constituição da identidade. O fazer profissional também vai compondo dialeticamente a identidade de um indivíduo, num contínuo dinâmico.

Outro conceito que, em certa medida, vem ao encontro da maneira como o referido pesquisador entende identidade é o de Sawaia (1999). Conforme essa autora, identidade também pode ser compreendida como metamorfose e, apesar da crise experienciada pelo ser humano nesse contexto de transição entre valores modernos e contemporâneos, a concepção de identidade como permanência/unicidade não invalida e tampouco substitui a concepção de identidade como metamorfose/multiplicidade. Ambas as concepções caracterizam períodos distintos do processo de identificação. O perigo ocorre quando há polarização ou cristalização de uma em detrimento da outra: ou impera a identidade volátil e fugaz, que impede relações ou a cristalização da identidade “jargão”, a qual prima exageradamente pelo investimento na diferença, no limiar que separa e discrimina (SAWAIA, 1999).

Há que se atentar para o fato de que do uso do termo identidade como multiplicidade não implica ignorar a concepção de identidade tal como individualidade identificável, pois sem a existência do idêntico não é possível haver convivência e relação. É importante manter a tensão entre as duas polaridades envolvidas nessa concepção, de permanência e de transformação, a fim de que ocorra o processo de identificação em curso como síntese dialética da relação entre os dois pares. Para um raciocínio “natural”, talvez essa idéia possa

parecer contraditória, mas é justamente na relação que o uno e o múltiplo se constituem, ou nas palavras de Sawaia (1999, p.23), “um contém o outro ao mesmo tempo em que são distintos”.

A compreensão da categoria identidade nessa lógica dialética, corrobora a idéia de comunidade identitária não seja usada a fim de discriminar e explorar os seres humanos.

Para essa autora:

Identidade, subjetividade e afetividade tornaram-se figuras centrais, com a responsabilidade de transformar o mundo. Mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que elege o homem livre como seu valor principal, com direito de ser absolutamente eu próprio, de fruir o máximo a vida, a sociedade impede o ato de escolha, ao localizá-lo a uma política de subjetividade homogeneizadora e a uma ordem econômica-política excludente, onde as possibilidades são, apenas, virtuais e imagéticas (SAWAIA, 1999, p. 19).

Atenta-se também para um aspecto trabalhado por Sousa Santos (1995) em que as relações de poder são envolvidas direta ou sutilmente no tema da identidade. Ao se analisar um fenômeno sob a luz da identidade, esta pode ocultar choques de interesse, processos de diferenciação e hierarquização das diferenças, delineando-se como tática sutil de regulação das relações de poder, ou em forma de resistência à dominação ou até como reforço desta. Portanto, é importante conhecer o sujeito que pergunta pela identidade e quais as intenções deste.

Para compreender com clareza o que o conceito de identidade significa nessa perspectiva dialética, há que se trazer alguns aspectos ontológicos que sustentam essa visão de homem. Para Sartre (1987), o ser humano é um ser que se compõe ao mesmo tempo como corpo e consciência, em que esta pode ser compreendida como sendo relação a alguma coisa. Por essa razão, sua teoria sugere que *toda consciência é consciência de alguma coisa*, sendo desprovida de todo e qualquer conteúdo. Consciência é somente *relação*, não possuindo interior e tampouco conteúdo, revelando-se como a dimensão subjetiva do sujeito (MAHEIRIE, 2002).

Nessa proposta, a consciência é anterior ao conhecimento, sendo que este é apenas uma possibilidade daquela. Sartre ampliou efetivamente a noção de consciência, rompendo com o paradigma cartesiano, no qual existir corresponde ao pensar: “Rompendo com o privilégio da reflexão sobre a vivência humana, é possível romper também com algumas dicotomias, dentre elas, a da razão e da emoção, colocando a consciência no patamar da existência” (MAHEIRIE, 2002, p. 33).

Do ponto de vista dialético, a identidade pode ser compreendida como constituição do sujeito, contanto que seu significado esteja sendo empregado no sentido daquilo que se faz aberto e inacabado. A partir desse ponto de vista, a subjetividade é um aspecto desse sujeito, assim como a objetividade que, partindo das relações vivenciadas, edifica “experiências afetivas e reflexivas, capazes de produzir significados singulares e coletivos” (MAHEIRIE, 2002, p. 31).

Assim sendo, a identidade é construída por oposições, conflitos e negociações, em um processo aberto e nunca acabado. Nesse sentido, esse conceito não pode ser compreendido jamais de forma estática, considerando que é construção contínua de si em movimentos antagônicos.

A constituição da identidade tem a marca da ambigüidade, da síntese inacabada de contrários, daquilo que é individual e coletivo, daquilo que é próprio e alheio, daquilo que é igual e diferente, sendo semelhante a uma linha que aponta ora para um pólo, ora para outro. A utilização do conceito de identidade nos permite desvelar os indivíduos, grupos ou coletividades, localizá-los no tempo e no espaço, “identificando-os” como estes e não outros, mesmo em metamorfose (MAHEIRIE, 2002, p. 42).

A autora sugere o uso da categoria “constituição do sujeito” para descrever o processo da história de uma pessoa, que o identifica como um e não outro, pois esse conceito parece ser menos polêmico que a noção de identidade. A categoria identidade sugere, assim, a compreensão de que é um processo inacabado, aberto e em movimento constante.

No tocante à **relação trabalho e identidade**, percebe-se que estes são temas intimamente associados no mundo contemporâneo. De fato, são tão íntimos que a articulação entre esses dois conceitos se faz imprescindível. O trabalho confere um lugar de destaque ao trabalhador, uma vez que esse é o papel social valorizado pela cultura e, ao mesmo tempo, representativo do eu (JACQUES, 1996). Arendt (1995) pontua que a própria linguagem conduz as pessoas a responderem o que são (ou fazem) ao serem indagadas “quem são”, revelando assim uma estreita conexão entre ação e discurso.

Jacques (1996) assinala que o exercício do trabalho humano vai incorporando ao trabalhador atributos que o qualificam como tal, contribuindo para a constituição do seu eu. O trabalho é, então, um elemento importante da identidade, visto que é por meio do fazer profissional, em um contínuo dinâmico, que a identidade vai se constituindo, dialeticamente (CIAMPA, 1998).

Nesse sentido, o ingresso no mundo trabalho é um momento fundamental para a confirmação da identidade profissional de uma pessoa, pois, além de ser a ocasião em que sua identidade profissional será simbolicamente sancionada por meio do fazer profissional, há uma valorização social e moral em ser trabalhador.

Para Dubar (1997), a inserção profissional dos jovens seria a confirmação de uma identidade virtual que estava sendo elaborada durante a passagem pelo sistema educativo. Por essa razão, é um momento tão importante na constituição da identidade profissional juvenil. Esse mesmo autor nomeia de identidade profissional de base a identidade em face do trabalho experimentada no presente, englobando também uma projeção do futuro (uma antecipação da trajetória profissional).

A identidade profissional dos psicólogos possui, por sua vez, algumas particularidades. Krawulski (2004), em sua tese, contribuiu para uma compreensão ampliada de como se constitui a identidade profissional do psicólogo. O processo dinâmico e dialético da construção dessa identidade ocorre no imbricamento dos movimentos do fazer, culminando em uma constante transformação do ser. Em suas palavras:

[...] a construção dessa identidade profissional aconteceu, portanto, no ir e vir dos movimentos do fazer, levando à transformação do ser, dialeticamente. Essa transformação se expressa nas referências acerca de como a profissão impregnou a vida pessoal dos trabalhadores, modificando a sua percepção do mundo, seus valores, sua ética e sua postura diante da vida. Foi um processo que envolveu um movimento constante de construir-desconstruir-reconstruir significados para o seu trabalho, e que implicou reconhecer e assimilar as transformações que foram ocorrendo nesses significados ao longo do percurso profissional e também em seu próprio ser, no imbricamento com o fazer (2004, p. 163, grifo da autora).

Essa mesma pesquisadora, a partir dos achados de seu estudo, classificou didaticamente em cinco etapas⁴ o processo de construção da identidade profissional do psicólogo⁵: o querer ser, o saber, o fazer, o saber-fazer e o ser. O primeiro momento refere-se à escolha profissional, em que há muitos estereótipos e desconhecimento acerca da profissão. O segundo momento diz respeito à formação acadêmica, época de conhecimento, do saber. A terceira etapa, por sua vez, refere-se ao período em que o saber adquirido na academia é colocado em prática. A quarta é o processo da construção da identidade profissional por meio

⁴ Essas cinco etapas foram elaboradas apenas em caráter didático, pois, não ocorrem de maneira linear, tampouco, estanque. Elas se desenvolvem de maneira dialética e singular na vida de cada pessoa.

⁵ Krawulski (2004) desenvolveu sua pesquisa sobre a construção da identidade profissional de psicólogos, tomando como sujeitos profissionais com pelo menos cinco anos de graduados.

dos movimentos do fazer ao longo da vida de uma pessoa. A última etapa, o ser, ocorre quando a quarta adquiriu maior consistência na rotina do exercício profissional, quando todas as outras etapas são integradas dialeticamente na vida da pessoa.

Nesse sentido, o momento de inserção profissional pode ser caracterizado como a passagem da segunda etapa – o saber, para a concretização da terceira – o fazer. Os participantes desta pesquisa, como psicólogos recém-formados, estão em busca de colocar em prática o conhecimento adquirido ao longo do período em que cursaram a faculdade, o que equivale ao terceiro momento descrito acima.

No entanto, com todas as desafiadoras mudanças ocorridas no mundo do trabalho na contemporaneidade, o processo de constituição identitária, seja para psicólogos ou para os demais trabalhadores, assume características ainda mais peculiares. A esse respeito, Coutinho, Krawulski e Soares (2007) apontam que a precariedade, a vulnerabilidade e a fragmentação nas relações de trabalho estabelecem dificuldades para que as identificações se processem e a identidade profissional possa ser constituída. Como o trabalhador – neste caso, o psicólogo – pode estabelecer identificações em curso se a instabilidade é o fundo que sustenta sua prática? Talvez, esta seja uma nova forma de identificação profissional: a constante adaptação à instabilidade, que baliza a prática profissional de milhares de pessoas no mundo.

Em uma possível resposta à questão colocada anteriormente, Coutinho, Krawulski e Soares (2007) reafirmam que as identidades individuais e coletivas “continuam a se constituir nas sociedades contemporâneas” (p. 18). Para essas autoras, a despeito dos desafios encontrados nesse contexto, ainda há espaço para a constituição dos processos identitários pelas pessoas, muito embora sejam posições de sujeitos transitórias e efêmeras. Ainda assim, há coerência e continuidade na história de cada sujeito.

Compartilhando da reflexão de Coutinho, Krawulski e Soares (2007) acerca da associação identidade e trabalho, percebe-se a emergência da necessidade de se investigar novas articulações possíveis entre trabalho e identidade, com vistas para as contradições atuais presentes na relação homem-trabalho.

Jacques (1996) faz uma possível articulação entre identidade e trabalho, ao constatar que a associação entre identidade e trabalho passa a conotar a associação entre o sofrimento e a doença. As dificuldades de inserção profissional, assim como o desemprego e a precariedade, repercutem em uma dimensão subjetiva e social do sujeito, afetando a sua qualidade de vida.

Na construção biográfica de uma identidade profissional e, por conseguinte, social (DUBAR, 1997), os indivíduos entram nas relações profissionais tal como atores sociais que

protagonizam o exercício do trabalho, confirmando um papel, uma identificação. Perante a atual conjuntura marcada pela transitoriedade, os atores continuam buscando essa construção biográfica, no entanto, agora atuando em peças de curta duração, cada qual incutindo sentido em suas histórias.

2.3 A transição universidade – mundo do trabalho

Este capítulo poderia começar pela perspectiva do desemprego estrutural e da maneira como esse problema atinge os jovens no Brasil e no mundo atualmente. Esse seria o viés da exclusão social. Discorrer sobre inserção profissional, todavia, significa, sobretudo, falar de inclusão social, e é esse caminho que se almeja percorrer aqui.

O termo inserção profissional designa a idéia de transição do sistema de educação/formação para o sistema de emprego. Nas últimas duas décadas, essa expressão tornou-se quase um jargão no mundo do trabalho, surgindo em um momento de crise no capitalismo. A importância atribuída à inserção profissional apareceu com intensidade precisamente a partir dessa crise – que desestruturou o paradigma de emprego.

Na sociedade em que o sistema do emprego tem a função de assegurar a estabilidade, os direitos sociais do cidadão e a inclusão social, as novas configurações que esse sistema assume desmantelam as possibilidades de segurança econômica e social dos trabalhadores em geral e dos jovens que procuram entrar no mercado de trabalho.

Sarriera *et al.* (2000) apontam que os jovens, ao tentarem ingressar no mercado de trabalho, buscam concretizar o sonho de “realizar seus projetos profissionais, constituir família e ter independência econômica” (p. 1). O que acontece, no entanto, é que esse sonho acaba se tornando um “pesadelo”.

As dificuldades que os jovens encontram ao buscar a inserção profissional imprimem sérias repercussões em vários âmbitos: contemporiza-se a entrada na vida adulta e, assim, há um conseqüente prolongamento da juventude (ALVES, 2007), desestruturação da identidade profissional e o sentimento de exclusão social.

Alves (2007) pontua que a maioria dos autores, independentemente da área de atuação destes, concebe a exclusão social como um processo que tem origem no mundo do trabalho, atingindo sensivelmente os jovens, em especial os pouco escolarizados. A noção de que o emprego protege da exclusão, associada às dificuldades enfrentadas pelos jovens na inserção

no mercado de trabalho, confere ao termo *inserção profissional* a condição de inclusão social. Nas palavras de Alves (2007, p. 4):

[...] fazer corresponder inserção profissional a inclusão profissional é, portanto, aceitar que a inscrição dos jovens na esfera do trabalho é uma condição necessária para evitar o seu envolvimento em processos que possam culminar numa exclusão social [...] falar de inserção profissional dos jovens é falar de um problema social novo; é falar de integração profissional, social, cívica e simbólica; é, por último, falar de inclusão.

Além da inclusão social, a inserção profissional representa, também, uma confirmação do processo de identidade profissional de uma pessoa. Dubar (1997) traz em sua noção de identidade a importância que a saída do sistema educativo e o enfrentamento do mercado de trabalho possuem na constituição da identidade socioprofissional.

A passagem pelo sistema educativo permite a constituição de uma identidade profissional virtual que, por meio da inserção profissional, tem a chance de se concretizar pela articulação temporal da dimensão biográfica – pela qual as pessoas arquitetam a identidade para si – e da dimensão estrutural – conferida pelo reconhecimento da identidade para o outro⁶ (DUBAR, 1997).

Atualmente, o confronto com o mercado de trabalho assume formas muito particulares que marcam a identidade profissional dos jovens, diferentemente de outras épocas. Antigamente não existia a expressão inserção profissional tal como é concebida hoje, porque a passagem do sistema educativo para o sistema de emprego ocorria de maneira “natural”, representava apenas uma etapa do desenvolvimento na vida de uma pessoa (ALVES, 2007). No entanto, com o mundo em crise, a “inserção profissional” emergiu para retratar que já não é mais um processo “natural”, considerando as demandas do capital e a escassez de oportunidades em geral. Assim, se o jovem não consegue se inserir, acaba não sendo reconhecido pelo outro tal como seria se estivesse empregado. Deixa de viver, de tal modo, a condição fundamental para a confirmação de sua identidade profissional: a legitimação pelo outro de si.

Sarriera *et al.* (2000, p. 3) confirmam essa idéia: “o fato de inserir-se no mercado laboral contribui para o estabelecimento de relações sociais, dos processos de identificação e do reconhecimento de pertinência a uma sociedade”.

⁶ A palavra “outro”, nesse sentido, significa as pessoas com quem o profissional trabalha, seja o patrão, o cliente, os companheiros de trabalho etc. O outro é aquele que reconhece o trabalho do profissional como tal, que confirma sua identidade.

No Brasil, o desemprego de inserção é uma das categorias que mais afeta os jovens. Desemprego de inserção pode ser compreendido como uma nova condição do jovem que está à procura do primeiro emprego durante um período prolongado. A falta de experiência profissional acumulada confere aos jovens dificuldades para ingressar no mercado de trabalho (POCHMANN, 2000).

As conseqüências desse processo em nível emocional são apontadas também por Paugam (1997), citado por Alves (2007), ao aferir que o desemprego e as frustrações na procura da inserção pela população jovem culminam num processo de desqualificação social que, por sua vez, ocasiona fragilidade nas pessoas. Aos poucos, instala-se a desesperança de encontrar um emprego estável e emergem sentimentos de inferioridade social, humilhação, fracasso pessoal e culpabilidade.

Sarriera *et al.* (2000) elaboraram um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados na cidade de Porto Alegre – RS, como uma forma de buscar alternativas e saídas para os jovens enfrentarem as dificuldades da inserção de uma forma menos traumática. Esses pesquisadores acreditam que a construção de um projeto ocupacional pode favorecer os jovens no desenvolvimento de subsídios internos, ou no fortalecimento dos recursos já existentes no enfrentamento do desemprego. O programa buscou desenvolver nos jovens novos conhecimentos e habilidades, além de estimular a mudança de certas atitudes em relação ao trabalho e a definição de objetivos relacionados à profissão e às estratégias para a inserção.

O referido programa de inserção ajudou os jovens a melhorarem a auto-estima e ampliarem o autoconhecimento. Esses jovens puderam desenvolver habilidades sociais para facilitar a procura por um emprego e definiram um projeto profissional e de vida. Como o programa tem uma duração curta, os autores recomendaram a sua implementação em diferentes contextos, como por exemplo, em cursos profissionalizantes e faculdades, a fim de ajudar os jovens a enfrentarem as dificuldades que possivelmente irão encontrar.

2.4 Contextualizando o cenário da Psicologia

Para uma compreensão ampliada da inserção profissional do psicólogo no contexto cultural e histórico atual, considera-se importante retomar aqui alguns aspectos da história dessa profissão tão recente no Brasil.

A Psicologia como ciência tem sido usualmente localizada entre o final do século XIX e início do século XX, ainda que indagações de ordem psicológica existam desde os povos

ancestrais. As diversas concepções que aparecem pelo prisma de uma história mais tradicional e linear da Psicologia remontam desde a dicotomia “alma” e “corpo”, passando por questões acerca da imortalidade do homem, englobando até questões como subjetividade e objetividade.

A pretensão de uma Psicologia científica era de constituir uma única Psicologia sob os moldes das ciências naturais, inspirada no paradigma positivista. No entanto, ao longo do século XX, esse projeto foi se concretizando de uma maneira muito peculiar e, muitas vezes, polêmica⁷: por meio da diversidade de objetos e práticas propostos pelas diferentes escolas psicológicas. A partir de uma perspectiva contemporânea sugerida por Bock et al. (2002) e reiterada por Filho (2005), é possível utilizar o plural para retratar a dinâmica desse processo: deve-se falar em psicologias. Assim, o paradigma atual dessa suposta ciência é justamente a sua própria pluralidade.

Ao apresentar a proposta de pensar a Psicologia em outras bases, Prado Filho (2005) sugere uma análise arqueológica da Psicologia, inspirada em Michel Foucault. A análise arqueológica busca investigar as condições históricas em que os discursos são produzidos, sem o compromisso de julgar verdades, tal como uma análise epistemológica. Assim:

[...] considerando que eles são resultado da acomodação de camadas interpretativas, trata-se de fazer um corte transversal num campo discursivo para analisar os monumentos, as peças históricas ali encontradas e buscar compreender como elas se relacionam (PRADO FILHO, 2005, p.75).

Essa perspectiva permite desacomodar as psicologias, uma vez que desloca o olhar do problema da cientificidade para a “disciplinarização”, ou seja, o compromisso de se constituir como corpo disciplinado e disciplinar do saber. Além disso, pontua a importância do momento histórico e cultural nos modos de pensar de um tempo, refletidos na maneira como cada figura ou objeto psicológico foi produzido.

Assim, é possível lançar um olhar sobre as psicologias observando que cada uma retrata as angústias, anseios e perguntas de um determinado tempo, cultura e política. Desde a psicologia experimental da mente, que apareceu com Wundt e James, no final do século XIX, e teve como objeto os processos psicológicos conscientes, até Vygotsky, nos anos de 1930 – com uma crítica ao funcionalismo psicológico individualista e burguês, com base no

⁷ A peculiaridade e a polêmica são características que retratam as contradições encontradas ao longo da constituição das escolas psicológicas e as dificuldades na intenção de ser ciência, segundo os padrões das ciências exatas. Apesar dessas características, as psicologias convivem entre si.

materialismo histórico – passando por diversas psicologias ao longo do século XX, como a Humanista, Social, de Piaget, Gestalt e tantas outras.

Desse modo, os objetos psicológicos referidos, independentemente do caráter científico, representam figuras de discurso situadas em diferentes tempos históricos, retratando certo modo de pensar de cada época com seus diferentes regimes discursivos.

Sob essa mesma perspectiva arqueológica de olhar sobre a história da Psicologia, é possível situar o aparecimento dessa ciência humana nos berços da modernidade – quando nasce o ser humano cognoscente tal como é conhecido atualmente. O homem como fruto do discurso moderno é objeto de várias ciências humanas, sendo colocado como a origem de todo o conhecimento existente sobre tudo. A Psicologia, por sua vez, é a:

[...] ciência humana em que, por excelência, o homem se coloca no centro, nesse duplo lugar de objeto e sujeito do conhecimento, o que é um elemento complicador em termos de cientificidade dessa disciplina, considerando-se a finitude humana, os limites do homem, seus filtros ao conhecimento, tanto numa posição quanto noutra (PRADO FILHO, 2005, p.77).

A perspectiva foucaultiana desloca o nascimento da Psicologia para os espaços de exclusão prisional que se multiplicaram pelo Ocidente ao longo do século XIX, favorecendo a observação extenuante das condutas dos sujeitos que estavam completamente expostos nesse ambiente. A Psicologia aparece, então, como o resultado do entrecorte entre a observação e o registro dessas condutas, fazendo nascer um sujeito colocado como objeto, favorecendo um novo saber sobre o homem (PRADO FILHO, 2005). Os conceitos e práticas psicológicas não seriam, pois, resultado de um aprimoramento de práticas de pesquisa, mas a implicação de práticas de poder, indicando que essa ciência não teve uma origem inocente. Volta-se aqui ao caráter disciplinar dessa ciência que apareceu em favor da norma vigente.

O conhecimento psicológico estava, portanto, atrelado à questão do ajustamento, advogando em favor da normatização e da normalização. Prado Filho (2005) traz em sua proposta para uma arqueologia da Psicologia a contribuição da obra “Vigiar e Punir”, de Michel Foucault, para essa discussão. A partir dessa obra, a Psicologia, com todo seu conhecimento, seria o alicerce para a sustentação de uma prática de regulação social:

[...] delimitando estatisticamente faixas de normalidade, observando as condutas, remetendo cada indivíduo à norma, incluindo ou excluindo, marcando os normais e os diferentes pelo jogo das identidades e reconduzindo os desviantes (PRADO FILHO, 2005, p.79).

Durante todo o século XX, o saber psicológico adentrou diferentes esferas da sociedade, respaldando paulatinamente os domínios da prática dessa suposta ciência: nas escolas, nas instituições psiquiátricas, nas organizações privadas e públicas, nas clínicas etc.

No Brasil, a institucionalização da Psicologia como prática profissional aconteceu pelo advento da Lei Federal nº 4.119, sancionada em 1962, a fim de regulamentar a prática da profissão de psicólogo no País (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2007).

A consolidação dessa ciência no Brasil foi marcada entre o período pós-guerra até o final da década de 1970, quando os conceitos psicológicos e práticas foram difundidos e incorporados nas práticas sociais e nas vivências históricas dos atores sociais. Aos poucos, as psicologias foram reconhecidas pela coletividade, tornando-se “tecnologia humana e política disponível à sociedade” (PRADO FILHO, 2005, p. 86). A Psicologia conquistou espaço no diálogo com outras profissões e disciplinas: nas organizações produtivas, nas organizações públicas, hospitais, prisões etc.

O cenário dos anos de 1980 e 1990 foi intensamente marcado pela globalização, provocando uma crise no mundo do trabalho, incluindo o trabalho do psicólogo nas suas clássicas formas de atuação: clínica, organizações e escolas. Os empregos começaram a se extinguir dificultando a inserção profissional e demandando novas formas de trabalho. Em meio a essa crise, novas necessidades emergiram, assim como novos campos e práticas no âmbito das psicologias: psicologia do esporte, psicologia jurídica, novas formas de trabalho em geral, organizações não governamentais, prestação de serviços, etc.

Dos anos 1990 até o presente início de milênio, há um novo foco das psicologias direcionado à esfera social. A Psicologia Social amplia-se e coloca-se a serviço de outros problemas e outras práticas. A Psicologia Organizacional de orientação funcionalista vai ao encontro da Psicologia do Trabalho de orientação materialista histórica. Enfim, em outras palavras, o lugar do saber psicológico foi redefinido, pluralizado, politizado e tornou-se mais crítico.

Imersos nesse cenário, os jovens psicólogos recém-formados procuram a inserção profissional no mercado de trabalho.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

A escolha por um caminho metodológico é uma tarefa que traduz a essência do trabalho. Compreende-se que essa “escolha” deve estar intrinsecamente relacionada à visão de mundo imbuída na teoria que arquiteta a pesquisa. Nesse sentido, os procedimentos empregados em uma pesquisa são, na verdade, quase uma consequência decorrente das opções teóricas do pesquisador, podendo ser percebida desde a determinação do objeto de pesquisa (LUNA, 2003; MINAYO, 2004).

3.1 Caracterização e cuidados éticos do estudo

No caso do presente estudo, o tema que se almejou investigar abarcou um fenômeno que se configura a partir das singularidades dos jovens psicólogos recém-formados, ou seja, buscou-se compreender como esses sujeitos vivenciaram a inserção profissional no mercado de trabalho. Trata-se, portanto, de um objeto histórico, inacabado e em constante transformação. Para tanto, a pesquisa qualitativa pareceu um caminho adequado para alcançar esse fenômeno em sua complexidade, envolvendo os significados, motivos, valores e aspirações, uma vez que esse tipo de pesquisa se propõe a inferir sobre um nível de realidade que não pode ser mensurado (MINAYO, 2003). Em outras palavras, “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2003, p. 22).

Assim sendo, o caráter qualitativo não privilegia a generalização das informações, visto que propõe o “aprofundamento e abrangência da compreensão do fenômeno em estudo” (KRAWULSKI, 2004, p. 52), contrariamente a uma proposta quantitativa de abordagem. Pretendeu-se, aqui, buscar uma aproximação dos significados, das vivências e dos sentimentos experimentados pelos jovens recém-formados na busca de inserção profissional, considerando a representatividade de cada sujeito em relação ao grupo, à cultura e ao momento histórico e social em que está inscrito.

A fim de conseguir uma aproximação com os participantes, o instrumento utilizado – a entrevista – favoreceu a obtenção de informações a partir da relação estabelecida entre a pesquisadora e os participantes. A partir da escolha do instrumento, observaram-se alguns princípios éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos, com intuito de preservar os sujeitos em sua integridade.

Em relação aos referidos princípios éticos, foram consideradas a Resolução n. 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2006) e também os itens da Resolução 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2006), as quais estabelecem as normas para esse tipo de pesquisa e para pesquisas em Psicologia com seres humanos. Ademais, salienta-se que outros preceitos éticos foram igualmente observados na concretização deste estudo: proteção da identidade dos participantes, explicitação das condições do estudo, proteção contra qualquer dano e legitimidade no registro dos dados e dos resultados (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

No intuito de formalizar o cumprimento dos preceitos mencionados, o projeto da pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), provedora do presente estudo, sendo aprovado de acordo com o Parecer nº 261/2006, de outubro de 2006 (vide Anexo).

No momento precedente à realização de cada uma das entrevistas, a pesquisadora apresentou aos jovens psicólogos participantes da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (vide Apêndice A) como forma de efetivar os preceitos éticos mencionados. Esse documento foi assinado por todos, com o objetivo de registrar a contribuição voluntária de cada um, e pela pesquisadora, como maneira de assegurar o cumprimento dos preceitos. Uma cópia desse documento ficou com os sujeitos, e outra, com a autora. Os participantes também foram informados de que poderiam ter acesso à transcrição das entrevistas e desistir da participação na pesquisa a qualquer momento. Todos os contatos da pesquisadora ficaram disponíveis aos sujeitos para possíveis esclarecimentos.

3.2 A Fase exploratória do campo

A fase de exploração do campo de pesquisa compreende a escolha do tema de investigação, a identificação do espaço e do grupo em que o tema se inscreve, o estabelecimento de critérios de amostragem, bem como as estratégias de entrada no campo (MINAYO, 2004). No que concerne a este estudo, a fase exploratória aconteceu a partir da escolha do tema e da familiaridade que a autora teve com o assunto.⁸ Ademais, a realidade que circunscrevia a pesquisadora evocava o tema da inserção profissional de diversas maneiras; afinal, seus amigos e colegas coetâneos de diversas áreas viviam momento

⁸ Conforme comentado inicialmente, a presente autora também experienciou as dificuldades de inserção profissional e, depois de optar pela carreira acadêmica, pôde olhar para a inserção profissional com o estranhamento que se espera de um pesquisador.

semelhante em suas vidas. Portanto, após a identificação do objeto de pesquisa, a pesquisadora estipulou quais critérios seriam contemplados pelos entrevistados.

A identificação da pesquisadora com o tema, em um primeiro momento, ocasionou dificuldades de ordem emocional para esta. Em um segundo momento, entretanto, após o exercício de estranhamento do tema, a pesquisadora pôde usar essa identificação inicial em favor da pesquisa, uma vez que vislumbrava algumas possibilidades que iria encontrar no campo e por ter experimentado alguns dos aspectos das vivências dos sujeitos. Essa fase de exploração do campo resultou na própria pesquisa.

3.3 Participantes do estudo

Considerando a natureza qualitativa da pesquisa, os critérios de definição da amostra pautaram-se: a) no público que detivesse o perfil para responder aos objetivos da pesquisa; b) em um número de pessoas considerado suficiente, de forma a permitir a reincidência de informações e a expressão das experiências que se pretendia investigar neste estudo (MINAYO, 2004).

Participaram como informantes desta pesquisa sete psicólogos recém-formados, dentre eles, cinco mulheres e dois homens. A amostra favoreceu a compreensão e o aprofundamento da questão investigada e refletiu diversas dimensões do objeto de estudo.

Todos os participantes são residentes na região da Grande Florianópolis e estavam em busca de inserção profissional no mercado de trabalho em Psicologia. Entendeu-se por recém-graduados jovens que estivessem habilitados na profissão, abrangendo o período imediatamente após a formatura até dois anos correntes. O público escolhido, jovens entre 24-28 anos aproximadamente, refletiu uma população que realizou uma escolha profissional, trilhou a universidade e estava em busca de suas primeiras experiências no mercado de trabalho.

A identificação dos participantes ocorreu a partir da estratégia de redes sociais. Como a pesquisadora conhecia diversos jovens recém-graduados em Psicologia, utilizou seus contatos pessoais para indicarem outros colegas. O contato inicial com os participantes ocorreu via *e-mail* e/ou telefone com o objetivo de explicar o projeto e convidá-los a contribuir espontaneamente com a investigação.

No contato pessoal, antes da realização da entrevista, os sujeitos foram orientados sobre o desenvolvimento da pesquisa e informados acerca de todas as questões éticas envolvidas, assim como do sigilo das informações registradas no gravador.

A seguir, apresenta-se um quadro com informações que sintetizam o perfil dos participantes do estudo e alguns dados relatados nas entrevistas. Nesse quadro são relacionados os participantes pela ordem em que foram entrevistados, o tempo de formados de cada um, assim como as áreas de busca de inserção profissional.

Nome fictício	Luisa	Melissa	Rafael	Melanie	Louis	Gisele	Lívia
Idade	27 anos	24 anos	25 anos	24 anos	28 anos	27 anos	25 anos
Sexo	F	F	M	F	M	F	F
Reside com família ou depende desta	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Faculdade em que se formou	UFSC	UNISUL	UNISUL	UFSC	UFSC	UNISUL	UFSC
Tempo de formado	2 anos	1 ano	1 ano	6 meses	1 ano	1 ano e 6 meses	1 ano e 4 meses
Tentativas de inserção profissional	3	3	1	1	3	2	Inserção imediata
Áreas de busca de inserção	Clínica Organizacional Hospitalar	Organizacional Clínica Jurídica	Clínica	Organizacional	Organizacional	Clínica Organizacional	Organizacional
Primeiro emprego ou trabalho remunerado na área em que se graduou	-	-	-	-	-	Consultório	Empresa na área de comunicações
Curso de pós-graduação ou formação	-	Gestalt-terapia	-	-	-	Gestalt-terapia	-

Quadro 1: Perfil dos participantes da pesquisa.

3.4 Coleta e análise de dados

A seguir, os procedimentos de coleta e análise das informações utilizados neste estudo.

3.4.1 Instrumento da pesquisa

A escolha do instrumento, conforme mencionado anteriormente, é uma conseqüência que deriva das opções teóricas que norteiam uma pesquisa. Com vistas a uma busca pelo significado mais profundo do objeto de estudo, a escolha pela entrevista individual semi-estruturada como instrumento para esta pesquisa não se deu ao acaso.

A entrevista semi-estruturada alterna perguntas abertas e fechadas, propiciando uma situação na qual o interlocutor possa discorrer livremente acerca do tema sugerido. Minayo (2004, p.99) pontua que esse tipo de entrevista serve para facilitar a ampliação e o aprofundamento da comunicação; portanto, deve orientar uma “conversa com finalidade”. Essa ferramenta também é considerada um encontro entre duas pessoas, no qual uma das partes procura informações acerca de determinado assunto (SZYMANSKI, 1995).

A situação de entrevista implica pelo menos duas pessoas, portanto, é relacional. O encontro face a face entre duas pessoas, mesmo em situação profissional, envolve algumas sutilezas que devem ser observadas por parte do entrevistador: a relação de poder e desigualdade existente entre entrevistado-intervistador, a existência da intencionalidade por iniciativa de ambas as partes e o jogo de emoções e sentimentos que surgem ao longo do processo. Tudo isso permanece como pano de fundo no decorrer da entrevista e confere a esta uma característica peculiar, que é a profundidade do contato e das informações (SZYMANSKI, 1995).

Utilizou-se um roteiro norteador da entrevista (vide Anexo), com o intuito de facilitar o trabalho da pesquisadora e não aprisioná-la. O roteiro serviu para promover a ampliação do contato e da apreensão do “ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa” (MINAYO, 2004, p. 99).

Um treino piloto foi realizado pela pesquisadora com vistas a avaliar o roteiro de entrevista e exercitar os procedimentos no contato com os interlocutores (LUNA, 2003). Esse treino favoreceu a reformulação de algumas questões do roteiro, refinando a consonância entre as perguntas e o objeto de pesquisa. Como não houve expressivas alterações no roteiro, as informações da entrevista piloto foram apreciadas nos achados da pesquisa.

3.4.2 Processo de coleta de dados

As informações foram coletadas entre junho de 2006 e janeiro de 2007, na medida em que a pesquisadora encontrava sujeitos dispostos a participar voluntariamente do estudo em questão.

O local da entrevista sugerido inicialmente no Projeto de Dissertação foi o Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC, que dispõe de salas adequadas para esse fim. Entretanto, os participantes sugeriram locais que seriam mais acessíveis para cada um, como a própria casa deles ou o ambiente de trabalho, como clínicas psicológicas. As entrevistas foram realizadas sem interrupções e tiveram duração média de uma hora e quinze minutos.

3.4.3 Análise do material coletado

As informações coletadas nas entrevistas foram examinadas por meio da análise de conteúdo. De acordo com Franco (1994, p. 165), essa é uma técnica de pesquisa que tem por finalidade a busca de “*sentido* ou de *sentidos* de um texto”. Essa técnica caracteriza-se pela leitura e interpretação de diversas classes de documentos, em especial, documentos escritos (OLABUÉNAGA, 1999). A análise de conteúdo:

[...] não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 1977, p.31).

Dessa forma, buscou-se evidenciar, por meio da análise de conteúdo, os indicadores que possibilitassem a inferência sobre uma outra realidade diferente daquela presente na mensagem. A mensagem é o conteúdo da comunicação e serve de base para a investigação do problema por meio da técnica de análise de conteúdo. A produção de inferências, por sua vez, é a essência dessa técnica, pois envolve o olhar teórico do pesquisador sobre os conteúdos: “Um dado sobre o conteúdo de uma comunicação é sem sentido até que seja relacionado, no mínimo, a outro dado” (FRANCO, 1994, p. 170).

Embora houvesse subtemas no roteiro da entrevista semi-estruturada (Anexo), as categorias de análise foram criadas após as entrevistas e a sua transcrição. A análise partiu, portanto, dos textos construídos no processo das entrevistas.

A partir das transcrições das entrevistas e da leitura flutuante destas, buscou-se sistematizar as respostas dos participantes, identificando e classificando as categorias mais significativas. As categorias de análise foram elaboradas a partir de uma exploração progressiva do material e foram agrupadas por temas (análise temática), de acordo com as repetições e padrões elaborados pelos sujeitos, observados no texto. Em seguida, a partir da inferência e da interpretação, o material foi analisado de acordo com o referencial teórico da presente pesquisa.

4 ACHADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, são apresentados os sete psicólogos e seus respectivos relatos acerca do processo de inserção no mercado de trabalho.

4.1 Perfil e descrição dos participantes

Participaram da pesquisa cinco mulheres e dois homens, com idades variando entre 24 e 28 anos. A fim de preservar o anonimato, cada um escolheu um nome fictício na realização da entrevista. Os nomes escolhidos foram: Luisa, Melanie, Melissa, Rafael, Louis, Gisele e Lívia. Inicialmente, estabeleceram-se como critérios de escolha dos informantes a conclusão da faculdade há no máximo 2 anos, caracterizando o público “recém-formado”, e a busca de inserção no mercado de trabalho na área em que estes haviam se graduado. Durante a coleta de dados, considerou-se relevante incluir sujeitos recém-formados já inseridos no mercado de trabalho, a fim de obter elementos comparativos. Residentes na região da Grande Florianópolis – SC, quatro deles formaram-se na Universidade Federal de Santa Catarina, e três, na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL - *campus* Palhoça, município vizinho da capital catarinense.

4.1.1 Luisa

Então, veio uma crise assim, um pouco de [...] como se eu não me sentisse psicóloga, mas também não era estudante. Não tinha vínculo com nada, não sabia [...] eu vi que tinha uma ligação muito forte de não estar trabalhando, principalmente fazendo um trabalho remunerado. Eu não era psicóloga. Isso foi bem pesado pra mim, eu me senti muito assim, sabe?

Luisa tem vinte e sete anos e mostrou-se interessada e disposta a participar da pesquisa. A pesquisadora era sua conhecida da faculdade, e uma amiga em comum foi responsável pela conexão entre as duas. Após o primeiro contato, combinaram um horário e local para a realização da entrevista.

Luisa graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2004 e desde aquela época vivencia a busca por um emprego e/ou trabalho remunerado em

sua área. Até o dia da entrevista, quase dois anos após sua formatura, não havia conseguido se inserir no mercado de trabalho.

Desde criança sentia-se atraída pela carreira de psicóloga e, no segundo ano do ensino médio, após fazer um trabalho de Orientação Profissional, optou por cursar Psicologia na faculdade. Nesse período, concebia a Psicologia exclusivamente como atividade clínica, ligada à saúde e ao bem-estar das pessoas, desconhecendo, portanto, outras áreas de atuação dessa profissão.

No decurso da faculdade, ampliou seu olhar sobre a profissão, pois descobriu muitas possibilidades de atuação além da clínica. Na época, sentiu-se “mais motivada” – em suas palavras – com tantas possibilidades de atuação do psicólogo e deduziu, então, que as suas chances de trabalho após a formatura seriam bem maiores do que imaginara inicialmente. Ao mesmo tempo, deparou-se com algumas limitações no curso, considerando-o, muitas vezes, fragmentado, por não estabelecer uma relação entre as disciplinas.

Começou a sentir-se psicóloga antes de se formar, quando realizou três estágios. Segundo ela, cada estágio contribuiu para o desenvolvimento e aprimoramento de algumas habilidades, como a escuta, a capacidade de dar continência e o trabalho em grupo. A área com a qual mais se identificou foi a da saúde, especialmente a saúde do trabalhador.

Após a formatura, viveu um período de grande frustração, pois não pensou que fosse tão difícil se inserir profissionalmente quanto imaginava, além de deparar-se com uma realidade diferente da que idealizava. Em suas palavras:

[...] eu acho que no começo, depois que eu me formei, eu quebrei muito a cara, assim, eu já achava que ia ser difícil o mercado, mas eu não achava que ia ser tanto, né? [...] E as seleções que eu participei, as propostas de trabalho que eu observei, que eu tive a oportunidade de estar batalhando por elas e tal, estavam muito longe daquilo que a gente aprendia na faculdade, em termos da preocupação com o ser humano [...] Eu acho que o psicólogo... as oportunidades de trabalho oferecidas no mercado são muito associadas com... são muito distantes dessa preocupação do que a gente aprendeu na faculdade... de estar exercendo a nossa cidadania e estar usando o nosso conhecimento pro bem público [...]

Encontrou como dificuldades nesse período após a formatura poucas oportunidades no mercado de trabalho na área, a Psicologia como profissão ainda subjugada, falta de experiência, muitos psicólogos para poucas vagas oferecidas e a baixa remuneração. Ao participar de diversos processos seletivos na área da Psicologia Organizacional e de alguns concursos públicos, observou que a remuneração para um psicólogo formado estava muito abaixo da tabela do Conselho Federal de Psicologia, sendo que, em alguns casos, não chegava

a dois salários mínimos. Acredita que há muitos bons profissionais que acabam cedendo ao mercado e aceitando as baixas remunerações para a categoria. Dessa forma, contribuem para uma desvalorização do psicólogo no mercado. Além disso, encontrou como barreira a questão da experiência, tão solicitada nas seleções.

Como estratégias para se inserir profissionalmente, Luisa procurou manter sua rede de relacionamentos ativa, mantendo o contato com amigos que se formaram junto com ela, assim como procurou participar de projetos de consultoria vinculados a um laboratório da faculdade em que se graduou. Nenhum dos projetos de consultoria em que se envolveu vingou. Tentou fazer mestrado, mas também não conseguiu ingressar. Realizou alguns trabalhos voluntários para manter os contatos e ganhar alguma experiência, além de ter participado de muitas seleções na área de Psicologia Organizacional e não ter conseguido emprego. Percebe concurso público como uma forma promissora de ingressar no mercado de trabalho e afirmou que iria continuar tentando. Como estratégia alternativa, procurou empregos que exigiam apenas o ensino médio, a fim de ter dinheiro para pagar alguma pós-graduação. Entretanto, quando chegava às seleções, era considerada muito qualificada, e os empregadores tinham receio de investir em alguém que poderia deixar o trabalho a qualquer momento para uma outra oportunidade na área em que se graduou.

Luisa experimentou diversos sentimentos ao longo desse período pós-formatura. Relatou ter sentido ansiedade pela falta de oportunidades, medo, angústia, depressão, sensação de vazio por não se sentir ainda psicóloga e por não ser mais estudante, bem como vergonha por ainda não estar trabalhando. Um dos fatores principais de sua angústia, além de não estar conseguindo emprego, foi a exigência do mercado. Além da experiência, o mercado de trabalho exigia também qualificação. Apontou um dilema que estava vivendo, por não ter condições de investir em algum curso complementar à formação: “se eu não tenho dinheiro, como é que eu vou pagar para me aperfeiçoar? E ao mesmo tempo eu preciso me aperfeiçoar para ter dinheiro, entendeu?”.

Além de sua ansiedade, teve que lidar com a ansiedade da família para que ela conseguisse logo um trabalho. Sua família estava em uma situação econômica difícil e não tinha condições de pagar um curso de formação ou uma pós-graduação para ela. Queriam que conseguisse um emprego para aliviar as despesas. Sentia-se mal quando seus amigos que não eram da área questionavam por que ela ainda não havia conseguido se inserir no mercado.

A vivência de todas as dificuldades e sentimentos envolvidos nesse período abalou sua auto-estima e a identidade profissional. Questionou sua capacidade e conhecimentos adquiridos ao longo dos cinco anos de graduação:

Nossa, minha auto-estima foi muito abalada [...] eu achava que eu não era boa pra nada, assim, sabe? Uma coisa bem pesada. Já tava batalhando, mas mesmo assim não acreditava em mim. Às vezes eu ficava tão nervosa, tão ansiosa, não sei dizer, que parecia que eu tinha esquecido tudo o que tinha aprendido, tudo o que eu sabia, toda maturidade que eu tinha... eu acho que muito stress... porque quando eu falo que eu não me sinto como profissional não é só conhecimento, é maturidade, sabe, de como ser psicóloga.

No momento da entrevista, Luisa estava formada há quase dois anos e percebeu em si mesma o desejo de realizar um resgate da idéia de fazer algo que ela realmente gostasse muito dentro da profissão de psicóloga. Afirmou ter voltado a acreditar que, quando se está apaixonada pela profissão, há mais chances de ser vitoriosa e conquistar um espaço no mercado de trabalho. Após dois anos de tentativas, desenvolveu uma maior tolerância à frustração e percebeu que estava pronta para conquistar uma oportunidade na área em que realmente gosta de trabalhar.

Segundo a participante, por não estar focada na área com a qual realmente se identificava, relacionada à saúde, não estava conseguindo um emprego. Em suas palavras: “Eu tava muito... eu acho que quando eu me formei, eu ficava atirando muito pra tudo quanto é lado, sabe? E essa ansiedade de não ter um emprego, de não estar trabalhando, eu atirava e muitas vezes me envolvia com trabalhos que eu não gostava”.

Ao falar de um futuro profissional próximo, contando dois anos a partir da data da entrevista, Luisa hesitou por um instante e revelou que se sentia contaminada pelo momento do encontro aqui descrito e por todas as frustrações vivenciadas desde a formatura. Sentiu receio de imaginar o futuro. Depois de alguns instantes, expôs suas expectativas: Luisa almeja estar empregada em algum hospital, após ter realizado um programa de residência. Pretende fazer algum curso de formação ou especialização e trabalhar paralelamente como profissional liberal, em alguma consultoria ligada à saúde do trabalhador.

4.1.2 Melanie

A graduação termina, terminam os estágios, daí você... você tem esse momento de: tá, então tá, então, o que fazer agora?

Melanie formou-se pela UFSC no início de 2006. Na época da entrevista estava com vinte e quatro anos completos e havia se formado há poucos meses.

Desde criança pensava em ser psicóloga, pois teve a oportunidade de consultar uma psicoterapeuta aos dez anos e gostou muito. Quando adolescente, teve uma prima psicóloga que passou um tempo em sua casa e contava como era seu trabalho. Na época de escolher uma profissão, prestou vestibular para Psicologia em Florianópolis e Odontologia na cidade em que morava, no interior do Estado do Paraná. Passou em ambos, mas resolveu seguir o que realmente gostava: Psicologia.

A idéia de Psicologia que Melanie tinha antes de entrar na faculdade se centrava na área clínica e envolvia também arte-terapia. Para ela, psicólogo era um profissional que iria lidar com as relações humanas, e era exatamente isso que queria. Quando começou a cursar Psicologia, percebeu que a atuação do psicólogo estava muito além da clínica. Sentiu, em um primeiro momento, um choque ao deparar-se com tantas possibilidades de atuação, desde a área clínica até a área escolar. Encantou-se com a idéia de produzir conhecimento na faculdade por meio de pesquisa, pois nunca havia cogitado essa possibilidade.

Suas experiências na faculdade contribuíram para enriquecer sua formação. Possui algumas críticas em relação à faculdade, mas ao comparar a qualidade do ensino de sua universidade com as outras, percebeu estar fazendo um excelente curso. Supõe que o aluno também deve ser responsável por sua própria formação e ir em busca do diferencial. Fez estágio na área clínica em hospital, na área organizacional e na área escolar. Teve a oportunidade de fazer estágio na Alemanha e pôde trabalhar com pessoas portadoras de deficiência e suas famílias.

Para ela, ser psicólogo é uma grande responsabilidade, pois é um profissional que lida com as relações humanas e possui um vasto conhecimento sobre os indivíduos. Além disso, ser psicólogo é um desafio no sentido de buscar novas estratégias para suprir as demandas exigidas. “Então pra mim, ser psicólogo hoje, é o início de uma caminhada e ao mesmo tempo é um desafio. Eu vejo isso como um desafio, uma coisa que tem muito pra ser feito na área”.

O tempo após a formatura significou para ela um momento de transição. No início, foi difícil aceitar esse período, pois desejava que as coisas acontecessem rapidamente. Sentia uma angústia pela vontade de começar a exercer a profissão e pelas dificuldades apresentadas durante as tentativas de inserção no mercado de trabalho. Mas, ao mesmo tempo, aprendeu a ponderar sobre esse momento para não sucumbir a ele. Sentia-se mal no começo, pois estava “parada”. Contudo, compreendeu que na verdade não estava parada, pois continuava estudando e fazendo algumas disciplinas isoladas na faculdade. Percebeu ter idealizado a possibilidade de começar a trabalhar e ganhar dinheiro logo após a formatura visando construir sua vida adulta. Ao encontrar a realidade do mercado de trabalho, percebeu que

precisava aceitar esse momento como uma situação de transição. Para ela, um tempo nessa situação pode ser até saudável para fazer uma avaliação de tudo o que sabe, do que precisa aprender e do que realmente quer fazer. Assim, ela revelou acreditar que se deve aproveitar o máximo desse tempo, desde que não seja longo.

Após o tempo que se permitiu ter para refletir, utilizou como táticas de inserção profissional o retorno à faculdade para adquirir o diploma de Licenciatura em Psicologia, continuou estudando para a prova do Mestrado que seria realizada no final do ano de 2006, participou de alguns concursos no interior do Estado do Paraná e enviou currículos para algumas instituições. O retorno à faculdade permitiu a ela manter vínculo com os professores, o que poderia ajudá-la no momento de tentar ingressar no Mestrado. Trabalhou na organização de congressos como mais uma possibilidade para estabelecer contatos profissionais e ganhar algum dinheiro. Sentia-se pronta para a oportunidade que aparecesse primeiro.

Segundo Melanie, o retorno à faculdade pode facilitar essa transição, pois fornece mais recursos para lidar com a situação de ainda não exercer a profissão de psicóloga, mas ao mesmo tempo, já estar formada: “eu continuo estudando e procurando emprego, diferente de apenas procurando emprego e preciso, agora, arranjar um emprego”.

Depois que se formou, viveu o período de transição, marcado por um conflito entre duas condições: deixar de ser estudante para ser psicóloga. Verbalizou que apenas o baile de formatura e a colação de grau não foram rituais suficientes para ela se sentir psicóloga. Apesar de estar formada, ainda não trabalhava em sua profissão e tampouco se sustentava, situação que a colocava diante de um dilema: “[...] teoricamente eu sou formada. E eu sou formada. Não é nem teoricamente, eu sou formada. Eu sou psicóloga e dependo do meu pai”.

Sua família nuclear lidou com esse momento de sua vida de maneira próxima e intensa. Pôde sentir todo o apoio de seus pais por um lado, e, ao mesmo tempo, uma grande expectativa e ansiedade deles para que conseguisse logo se inserir profissionalmente. Constatou que seu papel na família mudou depois que se graduou: já não era a filha estudante e sim a filha profissional que ainda dependia do pai. Então, passou a ser mais difícil ligar para seu pai e pedir dinheiro, por exemplo.

Apontou como dificuldades para a inserção a desvalorização do psicólogo na sociedade, a baixa remuneração, as poucas oportunidades para uma quantidade grande de profissionais, forte competitividade e a questão da falta de ética com a política de “indicação” de candidatos para certas vagas.

Para um futuro próximo, planeja ter concluído o Mestrado e ter começado a lecionar em alguma faculdade. Imagina que já tenha concluído um curso de formação e vislumbra a possibilidade de fazer um Doutorado na Alemanha. Outro projeto seu é fazer residência em algum hospital. Em 10 anos contados a partir da entrevista, imagina-se casada, com filhos, trabalhando com consultoria, clinicando e lecionando em alguma universidade. Em suas palavras, visualiza-se “bem e feliz”.

4.1.3 Melissa

[...] depois que eu me formei foi bem difícil perder o “chão” da faculdade, deixar de ser uma universitária para passar a ser uma profissional e não ter emprego.

Melissa tem vinte e quatro anos e formou-se em Psicologia pela UNISUL – unidade Palhoça – SC, ao final do ano de 2004. Até o dia da entrevista, não havia começado a trabalhar e estava fazendo um curso de especialização na área clínica em *Gestalt*-terapia.

A escolha pela profissão foi muito clara para ela desde cedo. Quando uma amiga disse que Psicologia tinha tudo a ver com ela, logo se identificou e não se imaginava mais trabalhando em outra ocupação.

Antes de entrar na faculdade, imaginava que a atuação do psicólogo era igual em todos os contextos, restringindo-se à prática clínica. No entanto, admirou-se ao longo da faculdade ao descobrir que, além do que ela imaginava, havia muitas áreas de atuação profissional do psicólogo, bem como uma diversidade de abordagens.

Identifica-se com a carreira escolhida e afirma sentir-se muito orgulhosa de ser psicóloga. Se precisasse mudar de profissão na época da entrevista, não saberia o que fazer, pois não se imagina em outro papel que não seja o escolhido.

Durante a faculdade, descobriu que gostava de ser pesquisadora quando fez sua monografia, pois percebeu ter facilidade para pesquisar e escrever. Fez estágios em Psicologia Clínica, Psicologia do Esporte e no Fórum de São José – SC, com mediação familiar e clínica para penas alternativas.

No último ano de faculdade, tinha certeza de não ter perspectiva de emprego em nenhum dos estágios que realizou. Portanto, estava certa do seu desemprego quando se formasse e procurava não sofrer com isso por antecipação.

Para Melissa, foi difícil “perder o chão” da faculdade e tornar-se uma psicóloga desempregada. A universidade oferecia um suporte no sentido de responder por ela e apoiá-la

na qualidade de aluna. Quando se percebeu graduada, sentiu-se despreparada e desamparada sem esse apoio que a academia simboliza: “Eu me senti meio sem chão, depois que eu me formei. Foi essa a sensação que tive, foi bem complicado”.

No momento da entrevista, afirmou que sua vida estava suspensa: “eu acabo não organizando nada porque eu não tenho nada fixo, não tenho trabalho, não tenho uma rotina, então a minha vida fica meio bagunçada”. Afirmou ter investido tempo e energia em algumas possibilidades de trabalho que não deram certo.

Como estratégias de inserção, enviou diversos currículos para empresas e fez alguns concursos. Percebe a oportunidade de fazer concursos públicos como uma boa possibilidade para quem está saindo da faculdade, apesar de a concorrência ser elevada. Sua rotina é focada em projetos a curto prazo, como, por exemplo, estudar para um concurso. Estuda todos os dias até chegar o dia da prova. Depois, foca-se em outro projeto e assim sucessivamente.

Buscou inserir-se principalmente na área de Psicologia Organizacional por ser a que mais oferece oportunidades no mercado de trabalho, pois, para ela, no início da carreira não poderia se dar ao luxo de fazer algo que realmente gostasse e, por essa razão, não excluiu nenhuma possibilidade. A área com a qual mais se identifica e que realmente gosta é a clínica, por isso faz especialização em *Gestalt*-terapia.

Considera-se inexperiente e sem “tino comercial”. Nunca trabalhou antes em sua vida e não sabe como deveria se comportar. Afirmou que a universidade não prepara os alunos para o mercado de trabalho:

Isso aí a gente não aprende na faculdade, como é que a gente tem que se virar depois que a gente se forma, de que forma que a gente... como é que a gente faz. Eu sinto falta. Não está dentro de mim e eu também não aprendi na faculdade.

No período entre o término das aulas e a formatura, Melissa se deu férias: ficou tranqüila e aproveitou para descansar. Depois da cerimônia de sua formatura, ora sentia angústia e culpa por não estar trabalhando ainda, ora sentia tranqüilidade, por se considerar muito nova. O sentimento que mais pesou, entretanto, foi o da culpa.

A maior dificuldade para a inserção profissional, para ela, é a falta de emprego. Percebe que isso não acontece somente com ela, pois em torno de 90% dos colegas com quem se formou estão desempregados também. Considera essa uma situação triste e decepcionante: “E... eu... acabei de sair da faculdade e eu vejo gente investindo na formação, gente que tem muito mais currículo que eu e tá desempregada também”.

Seus pais lidam de maneira tranqüila com seu momento de vida. Eles a sustentam e a apóiam em suas tentativas de inserção. Disse que não se sente cobrada por eles. A maioria de seus amigos vive a mesma situação que ela, portanto, compreendem que o mercado de trabalho tem sido uma grande dificuldade para todos.

Ao ser indagada sobre o futuro, hesitou por um instante, pois imaginava que estaria empregada após um ano de formada e, na época da entrevista, ainda estava desempregada. Porém, imagina-se empregada em dois anos, pois já terá o título de especialista, o que se configurará como algo diferencial em seu currículo. Espera ter um trabalho estável. Em dez anos imagina-se com uma clínica, um de seus sonhos.

4.1.4 Rafael

Me deu até um pouco mais de medo agora que eu tô vendo a coisa mais de perto. Como eu tô vendo mais de perto, eu tenho mais medo agora do que antes, mas não chega a ser uma... não chega a tirar meu sono.

Rafael tinha vinte e seis anos completos até o dia da entrevista e graduou-se na UNISUL – unidade Palhoça – SC, no final do ano de 2005.

Sua trajetória pela Psicologia foi um tanto peculiar, já que quando escolheu a profissão tinha 17 anos e seu único objetivo naquele momento era passar no vestibular, independentemente do curso. O critério que utilizou foi a baixa concorrência. Somente ao longo do curso, deu-se conta de que seria um psicólogo e começou a pensar mais em sua opção. Em uma de suas falas, disse ter consciência de que teve sorte em sua escolha, pois se identifica com a Psicologia, mas a partir de sua formatura, suas escolhas seriam mais refletidas e conscientes.

Para ele, ser psicólogo é um grande desafio. Considera difícil lidar com a delimitação do espaço de atuação profissional do psicólogo e de outros profissionais em certos contextos. Reconhece também que ainda há muitos espaços para serem explorados pelo psicólogo.

Quando começou a realizar um trabalho voluntário em uma clínica, passou a sentir-se psicólogo e gratificado pelos resultados do trabalho com os consulentes. Por outro lado, ainda não tem o registro no CRP e não recebe nada por esse trabalho. Nesses momentos, não se sente tão psicólogo.

Durante a graduação, fez estágio nas áreas clínica e escolar. Teve dificuldade na prática ao lidar com crianças na clínica, pois alegou que sua faculdade não preparou os alunos

teoricamente para o trabalho clínico. Para ele, a universidade deveria direcionar mais os estágios e aprofundar as disciplinas referentes às teorias da personalidade. Sentiu falta também de estudos de caso para adquirir mais segurança no momento da prática.

Esse momento após a formatura tem sido decisivo para ele no sentido de ter tempo para escolher o que fazer. Considera que esse tempo serve para ele parar, pensar e escolher o que realmente deseja fazer em sua profissão para se sentir satisfeito no futuro. Rafael pensa em fazer Mestrado em Psicologia, mas ainda não decidiu o que gostaria de pesquisar. Aspira fazer um curso de formação em psicanálise e especializar-se no tratamento de transtornos alimentares.

O início de sua inserção no mercado de trabalho foi inesperado, porque ele não fez nenhum movimento para que isso acontecesse. Em uma tarde na casa de sua avó, uma senhora amiga foi visitá-la e disse a ele que a neta dela também era psicóloga, dando o cartão da jovem para ele entrar em contato. Quando essa senhora visitou a avó dele pela segunda vez, insistiu para que ele contatasse sua neta e, após telefonar para a moça, foi convidado para ser voluntário como co-terapeuta em um grupo terapêutico com foco em transtornos alimentares. “Mas no começo caiu do céu. Fui atender à porta de casa. Eu não tava indo atrás de nada. Eu ia atrás é da formação e do Mestrado. Embora essa coisa esteja me fazendo ir por um caminho que eu não imaginava”.

Depois desse início, despertou para a busca de um trabalho em sua área. Sentiu que não estava mais esperando: “Não continuo esperando que nem eu tava fazendo parado. Agora é... acho que eu tomei um choque na hora que eu atendi a porta e agora eu tô buscando mais”.

Em nenhum momento depois de sua formatura sentiu-se intranquilo. Sabia que, de alguma forma, mesmo que não conseguisse emprego, iria continuar estudando. Ao começar a atuar profissionalmente, passou a sentir um pouco de medo pela primeira vez por vivenciar a prática mais de perto.

A principal dificuldade para a inserção profissional é a demanda de experiência que o mercado de trabalho exige. Em seu caso, ele não precisa de dinheiro e optou por realizar um trabalho voluntário para ganhar experiência, mas se precisasse sobreviver, estaria em situação delicada. Julga necessário o investimento de empresas e até mesmo do governo em uma política de valorização dos recém-formados, diminuindo a exigência do mercado por experiência. Muitas instituições optam por ter estagiários em detrimento da possibilidade de contratar um profissional da área de Psicologia para coordenar um projeto ou ocupar uma vaga.

Sua família tem respeitado seu momento sem cobranças, bem como o tempo dele de realizar a inserção à sua maneira. Seu tio sempre o mantém informado sobre alguma possível oportunidade de trabalho.

Nos próximos dois anos após a entrevista, pretende trabalhar com Psicologia do Esporte, atendendo um grupo de tenistas. Espera ter terminado sua formação e iniciado o Mestrado. Considera importante e almeja ter reconhecimento profissional por meio de remuneração. Em dez anos, planeja ter começado o Doutorado e ter concluído um curso de hipnose. Imagina-se viajando pelo País proferindo palestras sobre transtornos alimentares.

4.1.5 Louis

E aí encarar e dar as costas para a faculdade e virar de frente pro mercado de trabalho: e agora? Como é que eu encaro esse monstro? Então eu fiquei assim um tanto quanto com medo.

Louis tem 28 anos e formou-se pela UFSC no ano de 2005. A entrevista foi realizada quase um ano após sua formatura e, até aquele momento, ele ainda não estava empregado.

Sua escolha pela Psicologia não foi simples. Foi preciso realizar três vestibulares nas áreas de Engenharia de Produção Mecânica e Arquitetura e fazer uma Orientação Profissional para descobrir em qual área ele realmente gostaria de trabalhar: a Psicologia. Depois de encontrar o curso que realmente gostaria de fazer, passou no vestibular.

A idéia que ele tinha da profissão de psicólogo antes de entrar na faculdade estava centrada basicamente atividade clínica. Louis visualizava-se em um consultório escutando as pessoas deitadas em um divã. Durante o curso, sentiu-se assustado e preocupado ao deparar-se com a diversidade de “psicologias” e áreas de atuação apresentadas. Durante o curso, identificou-se também com a Psicologia Organizacional.

No que concerne à sua formação universitária, apenas próximo ao final da faculdade, o “alarme da responsabilidade”, conforme suas palavras, foi despertado. Quando se defrontou com a fase dos estágios e até o momento após a formatura, percebeu que poderia ter se dedicado mais aos trabalhos e estudos ao longo da graduação. No que tange à responsabilidade da faculdade, Louis acredita que a universidade poderia tê-lo preparado melhor para a entrada no mercado de trabalho: “Senti falta assim na graduação de ter uma

preparação já pra isso, puxando pro mercado de trabalho mesmo, independente da área escolhida”. Sentiu que saiu despreparado para enfrentar o mercado de trabalho.

O último ano de sua graduação foi muito conturbado, pois foi quando se deu conta de que precisaria compensar o período em que não estudou como gostaria e, por essa razão, acabou atrasando em um semestre sua formatura. Colou grau de Bacharel com a turma que começou a faculdade, na metade do ano de 2005, e colou grau de formação em Psicologia um semestre depois. Fez estágios nas áreas de Psicologia Organizacional e Clínica: trabalhou em uma empresa *junior* na área de Recursos Humanos e atendeu na clínica escola de sua faculdade sob a orientação analítica.

Definiu como estranho e traumático o momento logo após a formatura. A primeira grande mudança ocorreu em sua rotina, que antes era preenchida pelas atividades de estágio relacionadas ao curso e depois se tornou vazia. Perguntou-se: “ai, e agora?” e não sabia ao certo a resposta. Viveu o luto do término na faculdade com todas as suas implicações: afastamento de diversos amigos que retornaram à cidade de origem, a perda da faculdade como provedora de segurança à sua atuação profissional e o medo do porvir.

Depois do susto inicial, resolveu que não ficaria sentado esperando e começou a procurar emprego em Psicologia. Sua análise o tem ajudado a tomar suas próprias decisões e agir. Como tática para conquistar a inserção profissional, tem se cadastrado em *web sites* de empresas e enviado currículos. Acompanha freqüentemente os classificados dos jornais locais e tem procurado manter uma boa rede de relacionamento com seus amigos e conhecidos a fim de divulgar que está disponível para uma oportunidade. Após não conseguir emprego em sua área por meio dessas estratégias, resolveu procurar empregos que exigissem apenas o ensino médio para arrecadar dinheiro e pagar um curso de especialização ou formação. Muitas empresas exigem que o psicólogo seja experiente ou mais qualificado, além da graduação.

Seu sonho é ter uma clínica psicológica e, para tanto, necessita de um investimento financeiro, no momento fora das possibilidades de sua família. Por essa razão, optou por fazer qualquer trabalho para conseguir bancar essa opção. Todavia, após enfrentar alguns processos seletivos para oportunidades como, por exemplo, vendedor de carros, não conseguiu emprego, pois alegavam que ele era qualificado demais. Sentiu-se no dilema: “Meu Deus, pra alguma coisa... pra psicólogo eu sou pouco qualificado, mas pra outras funções eu tô muito qualificado. Eu tô no limbo. Eu tô no limbo total assim”.

Como dificuldades desse processo, pontuou a exigência de experiência como a mais significativa, além da escassez de oportunidades. Suas experiências como psicólogo foram

apenas vinculadas aos estágios que realizou na faculdade, os quais são raramente considerados como experiência em uma seleção.

Os sentimentos experimentados nesse período até a data da entrevista foram diversos: culpa por ter 28 anos e ainda depender economicamente de seus pais, um sentimento de inutilidade acompanhado de incompetência por saber que está fazendo algo, mas não ter conseguido nada até então: “Eu tô me sentindo inútil. Ocupando espaço só. É horrível”.

Apesar de sentirem-se preocupados, seus pais não cobram dele o fato de ainda estar desempregado. Procuram abrandar o sentimento de culpa que ele sente por ainda não ter conseguido algo e asseguram que o sustentarão até ele conseguir se prover. Suas irmãs e amigos procuram sempre avisá-lo de alguma eventual oportunidade.

Ao falar sobre o futuro, se ele for pensar a partir da sua experiência à época da entrevista, não se sente capaz de antever algo positivo. Apesar disso, sonha em ter conquistado um emprego nos próximos dois anos e ter começado a clinicar. Para um futuro mais longínquo, dez anos, imagina-se casado, vivendo em sua própria casa confortável, sem ter dificuldades financeiras. Pensa em ter uma consultoria na área de Psicologia Organizacional e, concomitantemente, ter uma clínica. Como projeto paralelo, sonha em trabalhar e/ou ter uma empresa que produza legendas e dublagem de filmes, assim como cursar apenas por *hobby* Arquitetura.

4.1.6 Gisele

Mas pra mim a dificuldade maior é isso, ter que lidar com essa coisa da família de: ah, nunca vi ninguém ter que pagar pra trabalhar. Só tu mesmo.⁹ Sabe? Coisa desse tipo... daí vem como pressão mesmo.

Gisele é uma moça de vinte e sete anos, graduada em Psicologia na UNISUL – unidade Palhoça, em fevereiro de 2005. Quando a entrevista foi realizada, estava trabalhando em uma clínica de Psicologia e tinha um emprego paralelo como digitadora no Fórum, para ajudar a sustentar o investimento na clínica e na especialização.

Escolheu cursar Psicologia quando estava no cursinho pré-vestibular, após ter sido reprovada no vestibular para Ciências da Computação. Percebeu que não seria feliz

⁹ Fala de Gisele referindo-se a como sua família percebe seu momento profissional.

trabalhando apenas com computadores e que gostava de trabalhar com pessoas. Após ler um manual sobre profissões, identificou-se com a Psicologia.

Antes de ingressar na faculdade, imaginava a Psicologia como uma profissão que envolvesse a área social, hospitais e a clínica e ficou feliz ao perceber o leque de possibilidades que se abriu ao ingressar no curso. Para ela, ser psicólogo é uma filosofia de vida. O curso possibilitou a ela ampliar seus conceitos, sua visão de homem e de mundo, seu olhar sobre as pessoas e suas relações. Afirmou que, se não tivesse feito Psicologia, seria alguém ignorante em relação às pessoas e com muitos preconceitos. Por propiciar uma nova forma de viver o mundo e de lidar com as pessoas, justifica a expressão “filosofia de vida” quando se refere à sua área de formação.

Considera sua formação universitária muito ampla e, ao mesmo tempo, superficial. No momento em que foi realizar alguns estágios, sentiu falta de um aporte teórico mais consistente. Teve a oportunidade de estagiar nas áreas clínica, orientação profissional e jurídica, com mediação familiar. Sua experiência maior foi na área jurídica, pois estagiou no Fórum desde a terceira fase da faculdade até se formar.

Sua maior dificuldade depois da formatura foi desligar-se da universidade, dos consulentes que atendia em seu estágio e dos supervisores. No começo, encarou como se fossem férias, pois suas atividades terminaram em dezembro, e sua formatura foi em fevereiro do ano seguinte. Quando as aulas retornaram, ela percebeu que não estava mais vinculada à faculdade, mas sentia como se estivesse. Sentiu, então, a polaridade de ser psicóloga e não se sentir ainda uma profissional: “Tu tá formada, mas não é profissional. Não tem campo de trabalho. E ao mesmo tempo também não tem universidade. Uma coisa meio que sem suporte, sabe? Nem de um lado nem de outro”.

A palavra que usou para definir seu momento quando foi realizada a entrevista foi instabilidade. Apesar de estar trabalhando em uma clínica, não tinha ainda um retorno financeiro com sua profissão, uma vez que precisava pagar para trabalhar com Psicologia. Possuía um emprego paralelo para ajudar a pagar o aluguel da clínica e sua especialização. Ainda tinha poucos consulentes e precisava pagar para trabalhar. Essa situação era complicada para ela, mas não via outra maneira de começar a se inserir no mercado de trabalho. Relatou, ainda, possuir a expectativa de conseguir um emprego em sua área que lhe proporcione segurança e estabilidade financeira, paralelamente à clínica.

Viu na clínica uma maneira para se inserir no mercado de trabalho, pois, além de ser o que realmente gosta de fazer, está em contato com outros profissionais. Conseguiu sublocar uma sala em uma clínica integrada onde trabalham profissionais da área da saúde, tais como

médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e psicólogos. Assim, pôde conseguir mais consulentes, por indicação de seus colegas de clínica, e tornar-se conhecida. Apesar de trabalhar nessa clínica, o investimento mensal que estava fazendo ainda não era compensado por seus atendimentos. Além disso, tem enviado currículos para diversas empresas para o cargo de psicóloga. Gostaria muito de atuar na área de mediação familiar como psicóloga; entretanto, no Estado de Santa Catarina, ainda não existe essa ocupação nos Fóruns, apenas na condição de estágio.

Faz especialização em *Gestalt*-terapia e um curso de formação em Psicologia Infantil seguindo a mesma abordagem. Enfrenta como dificuldade a pressão de sua família por estar pagando para trabalhar. Seu pai considera um absurdo e não aceita o fato de ela ter feito uma faculdade e, além de não receber nenhum dinheiro por isso, ter que investir financeiramente para clinicar. Sua mãe é um pouco mais compassiva com ela e a ajuda financeiramente sempre que pode.

A despeito de tantas adversidades, considera que tem sorte, pois pelo menos está começando de algum lugar, pois a maioria dos colegas que se formaram com ela ainda não conseguiu nenhuma oportunidade sequer.

Almeja ter um emprego fixo como psicóloga e ter uma clientela significativa nos próximos dois anos. Gostaria de poder sustentar-se com a clínica, pois é o que mais gosta de fazer. Num futuro mais distante, dez anos após a entrevista, além de ter uma clínica bem-sucedida e estar se mantendo com essa atividade, imagina-se trabalhando com algum projeto voltado para a comunidade e a área social.

4.1.7 Lívia

Eu me formei no dia primeiro de outubro, dia primeiro de novembro eu tava trabalhando... Eu sei que não fiquei um mês assim, sem trabalho. No máximo três semanas.

Lívia graduou-se pela Universidade Federal de Santa Catarina e estava com vinte e cinco anos no dia da entrevista. Formada há um ano e três meses, considera-se uma exceção ao que tem visto a sua volta, pois não chegou a ficar nem três semanas desempregada depois de se formar.

Antes de escolher qual curso faria na faculdade, participou duas vezes de um programa de Orientação Profissional oferecido por sua escola para ter certeza da sua opção.

Inicialmente, Administração parecia ser o curso ideal para ela, mas como tinha algumas possibilidades de escolha em termos de faculdades, resolveu estudar Psicologia na Universidade Federal. Antes de fazer sua escolha, informou-se sobre a profissão e descobriu, dentre as áreas da Psicologia, a Psicologia Organizacional, área que se aproxima da Administração e chamou sua atenção. Assim, começou a faculdade ciente de querer trabalhar como psicóloga em empresas.

Durante o curso, até a metade deste aproximadamente, pensou em desistir, pois não havia tido contato ainda com nenhuma disciplina relacionada a organizações e tampouco conseguia perceber alguma utilidade prática em tudo o que estava aprendendo. Apenas nos últimos dois anos do curso começou a ter contato com a área de Psicologia Organizacional e logo se identificou. Por sua conta própria, buscou ampliar sua formação e fez disciplinas complementares nos cursos de Administração e Engenharia.

Seu primeiro estágio foi fora da Universidade, em uma clínica, ainda quando estava na metade do curso. Nesse momento, pôde colocar em prática alguns dos conceitos teóricos que estava aprendendo. Apesar de não ter se identificado com a área, considera que tanto as disciplinas voltadas para a clínica quanto esse estágio foram fundamentais para o desenvolvimento de seu olhar clínico de psicóloga, independentemente do contexto no qual iria atuar. Depois, foi monitora de uma disciplina relacionada à área de Psicologia Organizacional e do Trabalho e confirmou ser esse mesmo o caminho que queria traçar na Psicologia. Fez estágio em uma empresa *junior* de uma universidade, em Orientação Profissional na clínica escola de sua faculdade, em um pré-vestibular para alunos carentes e, por fim, seu último estágio foi em uma empresa de porte maior.

Essa última experiência profissional foi sua ponte direta para o mercado de trabalho, pois três semanas após sua formatura foi efetivada. Durante essas três semanas, já havia concluído o estágio na empresa e não tinha certeza se seria ou não contratada. Sentiu insegurança, medo e angústia nesse breve período acerca do que iria fazer se não fosse chamada: “Eu tentava pensar: bom, se eu não for chamada lá, o que é que eu vou fazer? Tem que ter uma carta na manga, um plano B. Foi um sentimento até... um medo assim que eu não queria fazer alguma coisa que eu não gostasse né?”. Após ser contratada, sentiu-se aliviada. Considera-se uma pessoa de sorte, uma vez que a maioria dos colegas formados com ela vive uma situação de desemprego.

Apesar de ter encontrado poucas dificuldades para realizar sua inserção profissional, deparou-se com algumas delas na prática e percebeu que a universidade não prepara o aluno para atuar no mercado de trabalho. As disciplinas são muito mais teóricas do que práticas, na

área de Psicologia Organizacional há poucas disciplinas e somente no final do curso. Considera que a universidade oferece uma resistência em trazer aos alunos conceitos mais atuais: “Hoje em dia a gente fala muito assim de alguns conceitos de competência, de... enfim. Eu acho que a criticidade tem que existir, mas tu tem que conhecer os dois lados”. Precisou, então, buscar por conta própria superar as deficiências percebidas em sua formação.

Identifica-se plenamente com a profissão escolhida e atribui isso à sua prática profissional. Passou a aceitar com mais segurança seu papel de psicóloga, pois o exercício profissional trouxe a ela reconhecimento e confirmação. Se tivesse de escolher novamente uma carreira, faria tudo exatamente como foi e escolheria ser psicóloga e não administradora de empresas. Segundo ela, seu diferencial como psicóloga consiste em conseguir olhar muitas variáveis comportamentais das pessoas e do contexto em que elas estão inseridas e, isso, só conseguiu por meio da Psicologia.

Começou uma pós-graduação em sua área e, como não gostou, acabou desistindo. Sente falta de um curso de pós-graduação em Psicologia do Trabalho que seja ministrado por psicólogos e não por administradores.

Sua família não entende muito como uma psicóloga pode trabalhar em uma empresa. Dessa forma, procura esclarecer seu papel e as possibilidades de atuação da Psicologia.

Imagina-se mais preparada nos próximos dois anos e ainda trabalhando nessa empresa. Deseja começar uma pós-graduação, participar de congressos e cursos de aperfeiçoamento em sua área. Em dez anos, vislumbra a possibilidade de trabalhar com consultoria e deseja ministrar aulas sobre sua experiência profissional para pessoas que estejam em cursos técnicos ou não sejam da área da Psicologia. Não faria concurso público para ter estabilidade financeira e não abdicaria de fazer o que realmente gosta.

Em uma breve análise do perfil dos participantes, constatou-se que apenas Lívia estava empregada na área em que se graduou. Rafael e Gisele, no entanto, estavam trabalhando na área clínica, mesmo sem ou com pouca remuneração. Melanie optou por dilatar a condição de estudante, enquanto buscava paralelamente a inserção profissional. Ela se percebia em uma fase de transição entre estudante e profissional. Louis, Melissa e Luisa não estavam trabalhando na área e, tampouco, tinham algum emprego.

4.2 Apresentação, análise e discussão dos temas e categorias

O quadro a seguir apresenta os três temas centrais e as categorias relacionadas a cada um. Os temas identidade profissional e processo de inserção no mercado de trabalho foram definidos *a priori*, e o tema sentimentos vividos durante a busca de inserção profissional, durante o procedimento de tratamento das informações coletadas nas entrevistas.

Temas	Categorias
<i>Processo de inserção no mercado de trabalho</i>	Percepções sobre o mercado de trabalho para os psicólogos
	Estratégias de inserção
	O papel da universidade
<i>“E agora, José?”: Sentimentos vividos na busca da inserção profissional</i>	Baixa auto-estima
	Medo
	Ansiedade
	Angústia
	Depressão
	Frustração
<i>Constituição da identidade profissional</i>	Fim do vínculo com a universidade
	Inserção como passagem para vida adulta
	Inserção como afirmação da identidade profissional

Quadro 2: Temas e categorias de análise

Os temas e categorias emergiram nas falas dos participantes de maneira integrada, evidenciando uma experiência sistêmica e relacional entre os aspectos aqui abordados. A escolha por essa maneira de apresentar a análise é de cunho didático, embora não perca de vista o todo da vivência dos participantes.

4.2.1 O processo de inserção no mercado de trabalho

O tema *processo de inserção no mercado de trabalho* traz as percepções dos jovens psicólogos a respeito do mercado de trabalho ao se lançarem à procura de colocação ocupacional na área em que se graduaram.

Percepção sobre o mercado de trabalho para os psicólogos

Quando indagados acerca de como estava sendo a sua inserção profissional, os entrevistados trouxeram de imediato as dificuldades e exigências que o mercado de trabalho lhes impôs. A falta de oferta de empregos e a exigência de experiência prévia foram apontadas por todos os participantes como os principais empecilhos para seu ingresso efetivo no exercício profissional.

A maior dificuldade é **a falta de emprego**, que eu vejo que não é só comigo assim. A coisa mais **triste** é ver que a maioria das pessoas que se formaram comigo, a grande maioria, talvez, sei lá, **90%, está na mesma situação que eu, desempregada**. E é uma decepção, de pensar: **putz, eu que não tenho experiência estou assim, e quem tem também tá na mesma situação**, é muito complicado... a maior dificuldade é o mercado de trabalho (Melissa).

Então é... perceber isso que realmente a gente vive num momento difícil onde a **oferta de emprego tá bem menor do que os profissionais que estão sendo formados**. Isso é fato. Te faz inclusive parar nesse momento e pensar assim: então o que é que eu posso fazer de diferente do que tá aí? Porque se eu for fazer igual não tem lugar pra todo mundo. Mas mesmo pensando vou fazer diferente, você sabe que tá difícil... tá difícil pra todo mundo a inserção profissional (Melanie).

[...] eu não me considero ainda inserido no mercado de trabalho. Eu tô na população economicamente ativa, mas não tô trabalhando. **Deixei de ser estudante e virei estatística de desemprego** (Louis).

No processo de inserção... **uma dificuldade que eu tô encontrando, assim, a mais presente é a experiência**. As vagas, por mais simples às vezes que sejam, pedem experiência. Tipo, mesmo que seja de um ano a experiência. Mas eu não tenho experiência nem um mês que seja. Nunca trabalhei como psicólogo em lugar nenhum. A experiência que eu tenho de Psicologia é do estágio (Louis).

Se por um lado, o número de egressos do ensino superior cresce a cada dia no Brasil, por outro, a oferta de empregos decai. Em outras palavras, o número de empregos é inversamente proporcional à quantidade de novos profissionais. Pochmann (2000) constata que, embora o desemprego atinja a uma parcela importante da população brasileira, as taxas de desemprego entre jovens são ainda as mais elevadas.

Para Flori (2004), um dos possíveis obstáculos à conquista do primeiro emprego entre jovens é a preferência dos empresários em geral por trabalhadores adultos que possuam experiência de trabalho mais sedimentada que os jovens.

A questão da experiência assombra os jovens ao procurarem emprego, pois como irão adquirir experiência se há poucas oportunidades para todos? Por outro lado, dois participantes desta pesquisa, Luisa e Louis, ao buscarem como alternativa um emprego que não exigisse tanta qualificação, depararam-se com o desemprego novamente, justificado pelo argumento do “excesso de qualificação”.

A vivência desses obstáculos contribuiu para o surgimento de sentimentos como angústia, depressão e menos-valia nos jovens participantes desta pesquisa. Dentre os sete psicólogos entrevistados, seis apontaram como fator agravante das dificuldades de inserção **a pouca valorização da Psicologia como profissão.**

Outra questão é assim: amigos meus, psicólogos que já trabalham te dizem **"gente, na empresa que eu tô, onde eu tô precisa de mais psicólogo e eles não dão valor.** Eles não valorizam, eles não tem noção, eles não percebem a importância”. Eles, a empresa, né? Não percebem a importância de contratar mais gente, de aumentar o quadro. Então, **a questão da desvalorização do profissional** é outro ponto que pra mim, realmente é visível isso. Talvez até por essa questão da psicologia não suprir várias demandas, né, de questões que a sociedade traz e que a gente não sabe responder (Melanie).

Concurso, porque **concurso é pra um psicólogo e pra ganhar o quê? R\$1000,00, R\$1200,00, R\$700,00.** Então, assim, você vê que... nossa! a oferta que estão te dando é precária e pouca (Melanie).

A Psicologia é uma área, vamos dizer assim – não que seja, não concordo com isso – **mas na maioria das vezes não é uma área apreciada,** digamos assim... Sabe, não tô querendo fazer um discurso de "ah, sou contra o sistema capitalista, blá blá blá", mas é... na maioria das vezes, a psicologia... nossa! ela tem que ter muito jogo de cintura porque... **talvez ela não seja apreciada por causa disso, assim, por não visar tanto o lucro** (Luisa).

O argumento apontado pelos participantes acerca da desvalorização da profissão de Psicologia pode ser analisado a partir de duas perspectivas: a) a Psicologia como profissão é recente, demandando ainda uma conquista de espaço profissional no mercado de trabalho; e b) a lógica atual do mercado de trabalho.

A Psicologia ainda ocupa o *status* de profissão muito nova no País – foi regulamentada há apenas 43 anos – e, embora já tenha conquistado muitos espaços no mercado de trabalho,

há ainda muito que se desbravar. Existem demandas da sociedade em diversos níveis que foram pouco exploradas, ou que ainda carecem de reconhecimento por parte da sociedade.

A forma mais tradicional de atuação do psicólogo, a psicoterapia, em geral, não se caracteriza como emprego, e sim como trabalho liberal. Normalmente, os psicólogos que almejam trabalhar nessa área de atuação necessitam, em um primeiro momento, de um emprego estável que ajude a sustentar a clínica, pelo menos até que consigam se estabilizar e manter os altos custos que a prática psicoterapêutica normalmente implica.

Por outro lado, o espaço na área de Psicologia Organizacional cresce a cada dia e costuma ser caracterizado como emprego ou como trabalho liberal, no caso das empresas de consultoria. Aos poucos, abrem-se espaços de atuação para o psicólogo nas áreas da saúde, escolar, esporte, dentre outras frentes. Apesar desse “crescimento” ocorrido nas últimas décadas, ainda é insuficiente a quantidade de empregos nesse segmento para atender ao grande número de psicólogos formados.

Há um outro aspecto mencionado pelos participantes que se refere ao não reconhecimento da importância do psicólogo em certos ambientes de trabalho. A Psicologia, como profissão ainda subjugada, é desvalorizada pelos baixos salários oferecidos pelas organizações públicas e privadas e pela resistência oferecida por parte de organizações, escolas e pela sociedade em geral em abrir espaço para o ingresso do psicólogo no ambiente de trabalho. Há certo mito ainda acerca do psicólogo e da sua representação social na sociedade brasileira.

Algumas informações apontadas pelos participantes são confirmadas estatisticamente por meio da pesquisa realizada pelo Observatório Universitário (NUNES; CARVALHO, 2006). De acordo com os dados tratados pelo Observatório Universitário¹⁰, divulgados em setembro de 2006, 45% dos psicólogos no Brasil, com 23 anos ou mais, trabalham na área correspondente à formação e são remunerados. No entanto, 55% dos psicólogos graduados na faixa de idade pesquisada não estavam trabalhando na área correspondente à formação.

Estratégias de inserção

Ao saírem da faculdade e até mesmo antes, os jovens adotaram algumas estratégias, a fim de realizar a inserção profissional. Além de enviarem currículos via *Internet* para diversas

¹⁰ O documento de trabalho intitulado “O Grande Equívoco do Ensino Superior Brasileiro: um ensino profissional que não se aplica às profissões que o defendem”, de autoria dos pesquisadores Edson Nunes e Márcia Marques de Carvalho, divulgou por meio de tabelas e gráficos uma análise dos dados correlacionando o ensino superior e o comportamento do mercado de trabalho em relação a cada profissão regulamentada – Anexo.

empresas da região, cinco dos sete jovens entrevistados perceberam a participação em concursos públicos como uma forma promissora de ingressar no mercado de trabalho.

Outra tática adotada por dois participantes, Luisa e Rafael, foi a realização de trabalhos voluntários na área, a fim de adquirir experiência profissional e ampliar a rede de contatos. A continuidade dos estudos também foi percebida como importante por todos os entrevistados e adotada por dois deles.

De **trabalhos voluntários**, para estar mostrando trabalho e estar ganhando experiência e estar fazendo contatos, **projetos assim, projetos para vender, para oferecer, né?** Participei de **seleções, na área de Psicologia Organizacional**. Participei de **prova de Residência em Psicologia hospitalar**, tentei **mestrado, né?** Então, essas são as formas, assim que eu tenho buscado. Bom, as provas eu acho que eu ainda vou continuar a investir aí, em **concurso público** como uma forma bem promissora de entrar no mercado de trabalho e continuo com projetos. E agora outra forma que eu consegui fazer, que eu acho bem importante, que é **continuar com os estudos**.
(Luisa)

A influência de amigos e pessoas próximas também foi percebida por alguns dos participantes como meio para conseguir emprego ou consulentes, para o caso de quem estava investindo em clínica.

[...] Então, o que eu uso principalmente é **influência de amigos**, eu fico ligada em **jornal, internet, mandar currículo**, coisa assim
(Melissa).

Uma das alternativas encontradas pelos jovens que não podiam pagar um curso de especialização ou pós-graduação foi a busca de um emprego que exigisse menos escolaridade e experiência para que conseguissem investir na educação continuada, visando à inserção na profissão em que se formaram, de maneira gradual. A participante Gisele foi a única que conseguiu colocar em prática essa estratégia, ao conseguir um emprego de meio período como digitadora em um órgão estadual. Esse emprego auxilia financeiramente seu investimento na área clínica e nos cursos que realiza.

Assim, eu não vejo uma outra forma. A minha expectativa seria **ter um emprego paralelo**, onde eu poderia me manter financeiramente e ter uma segurança. Porque daí me daria **amparo pra fazer especialização**, fazer curso quando tiver. E a clínica que é a minha paixão mesmo, que depois que eu descobri no estágio que era o que

eu queria... ter um emprego pra poder manter esse lado que não tá equilibrado ainda porque é bem difícil (Gisele).

E outra coisa que tô procurando, mas também tenho dificuldade por ser graduada, **é fazer outros trabalhos que não da Psicologia, né?** Tenho comprado os classificados com frequência, lido o jornal assim, pra... **procurar trabalho de meio período, que eu possa fazer e que possa me ajudar a pagar os cursos que eu considero que assim, vão me ajudar a crescer na minha profissão.** Por enquanto não tô trabalhando e tá sendo um pouco difícil de achar porque eles sempre ficam com muito medo de que a pessoa que se formou na faculdade, eles acreditam que ela não vai continuar muito naquele trabalho, que é um trabalho às vezes pro pessoal do segundo grau ou terceiro grau incompleto (Luisa).

Diante do quadro econômico e social que se apresenta, esses jovens estavam procurando a inserção na área em que se graduaram, buscando estratégias para conseguir um espaço profissional. De alguma forma, todos sofrem com as dificuldades e, muitas vezes, com a impossibilidade de conseguirem exercer a profissão escolhida.

Formação continuada como estratégia

O que apareceu quase como unanimidade nas falas dos participantes foi a constatação da necessidade de buscar mais qualificação para, enfim, conseguirem exercer a profissão. Novamente, a responsabilidade pelo desemprego recai sobre os jovens, gerando ainda mais sofrimento. Ao sucumbirem às exigências do mercado, os sujeitos acabam atribuindo o êxito da conquista de um emprego à capacidade de cada um. Assim como atribuem o fracasso à sua própria incompetência, sentindo-se culpados, muitas vezes esquecendo que a lógica do mercado também contribui, com sua busca voraz pelo lucro e pela mão-de-obra barata, para agravar essa situação.

A formação continuada também foi percebida como uma forma de postergar a inserção profissional e adiar o enfrentamento desse momento. Torna-se mais fácil para alguns desses jovens alegarem que ainda estão estudando do que afirmarem que estão desempregados. A fala de Melanie ilustra esse sentimento:

Você se forma, mas você vai continuar, ou fazendo mestrado, ou fazendo residência, ou fazendo ou fazendo formação, né? Então eu também começo a perceber que, assim, o ser psicólogo é um ser constantemente em estudo, né? Você vai sempre estar estudando, vai sempre estar continuando. Então, a gente acaba **postergando um**

pouco essa questão da inserção profissional. Porque você tem outros recursos. Você pode pedir retorno pra Licenciatura e aí fica mais um ano na Universidade. Então, você tem recursos pra lidar com essa situação dizendo: “eu ainda sou estudante, ou eu continuo estudando e procurando, né? Você pode manter vínculos que facilitam sem dúvida nenhuma esse momento de transição. Na formação, quando você sai e alguém te pergunta o que você tá fazendo, você pensa pra você mesma: “não, eu tô estudando agora” (Melanie).

Por outro lado, a verificação de que a formação não é suficiente para a conquista de um emprego gera ainda mais tristeza e incerteza:

E... eu... acabei de sair da faculdade e eu vejo gente investindo na formação, **gente que tem muito mais currículo** que eu e **ta desempregada também**. Isso me deixa muito triste (Melissa).

Apesar de alguns desses jovens terem constatado que mesmo a qualificação não é garantia de emprego, todos ressaltaram a formação continuada como fator imprescindível para a inserção. Como nem todos tinham condições de investir em um curso de formação ou em alguma pós-graduação, alguns partiram em busca de estratégias e alternativas para conseguirem tanto a inserção quanto o investimento em formação.

Papel da universidade

Um tema que surgiu de maneira contundente nas falas dos participantes foi o papel da universidade na preparação para esse momento da vida profissional de cada um. Dois aspectos fundamentais marcaram esse tema: a incongruência entre o conhecimento aprendido na universidade e aquilo que de fato acontece no cotidiano do mundo, além da lacuna deixada pela universidade, ao não preparar seus alunos para a realidade do mercado de trabalho. Indo ainda mais longe, destacou-se a falha institucional ao deixar de discutir o papel da universidade na formação profissional e da própria profissão na sociedade atual.

O registro de algumas das falas dos participantes mostra esses aspectos mencionados:

Então... eu sempre fui muito crítica com a formação que a gente tem aqui na universidade, porque realmente tem um **hiato muito grande entre teoria e prática**, né? Professores que dão as matérias a partir da perspectiva que eles vêem como mais importante, mas isso não é consenso entre os próprios professores sobre o que seja importante

passar pro aluno. Então assim, eu vi que **a defasagem era grande...** Então sempre fui muito assim de: Tá, já que aqui não tá suprindo tudo, então vamos procurar fora. Fiz curso também de capacitação durante a faculdade pra suprir algumas defasagens (Melanie).

Porque **no início eu tinha muito medo, assim, de atender as pessoas, de não dar conta, sabe? De não saber o que fazer.** Daí depois, assim, os primeiros atendimentos eu sempre procuro fazer supervisão (Gisele).

Sob uma perspectiva microsocial, constata-se, portanto, que a articulação entre o conhecimento produzido no processo de ensino-aprendizagem e a realidade do mundo e da sociedade está aquém do que se espera dos cursos de graduação de muitas universidades do País. Como parte dos achados desta pesquisa, os sentimentos de insegurança e incapacidade apareceram de forma recorrente na maioria das falas dos participantes ao tentarem ingressar no mercado de trabalho e no momento de atuar. Assim, emerge a fundamental discussão acerca da responsabilidade das universidades na formação profissional de uma pessoa.

Ao refletirem a respeito da responsabilidade social dos programas de pós-graduação e graduação, Botomé e Kubo (2002) trazem à tona o questionamento básico e, ao mesmo tempo, essencial acerca de qual é o papel da universidade. Se, por um lado, o papel concernente à graduação é “preparar pessoas com capacidade para transformar o conhecimento científico em condutas profissionais e pessoais na sociedade, relativos aos problemas e necessidades dessa sociedade”, por outro, a responsabilidade dos programas de Mestrado e Doutorado consiste em “desenvolver capacidade de pessoas para produzirem conhecimento e torná-lo acessível à sociedade” (p. 92).

Por outro lado, há uma questão importante e pedagógica que surge aqui: a relação ensino-aprendizagem. Botomé e Kubo (2002) demonstram que, na maioria das IES no País, o conhecimento é sinônimo de conteúdo no sentido do que deve ser aprendido pelos alunos e ensinado pelos professores. Dessa forma, o que precisa ser ensinado é organizado em duas dimensões básicas: as informações ou conteúdos e o tempo. As chamadas grades curriculares traduzem essa organização até mesmo graficamente. No entanto, há uma terceira dimensão de suma importância que nem sempre é considerada na elaboração de um currículo: “a capacidade de atuar específica dos egressos nas circunstâncias de sua vida profissional” (p. 87). Por capacidade de atuar compreendem-se os graus de habilidade das ações profissionais dos egressos na sociedade.

Para Botomé e Kubo (2002), o conhecimento seria como:

[...] “insumo”, “alicerce”, “fundação” e a capacidade de atuar como “edifício” que é construído a partir disso por um processo de produção denominado “ensino”. O produto é exatamente a aprendizagem dessa capacidade de atuar, que repercutirá sobre a probabilidade de ocorrência de ações correspondentes dos egressos dos cursos que as ensinaram. Ações que, por sua vez, serão responsáveis pela produção de bens, benefícios, produtos ou serviços na sociedade. (p. 88)

A incerteza acerca de como processar o conhecimento a fim de produzir aprendizagem de atuação de uma determinada forma na vida cotidiana da pessoa conduz a uma maneira difundida de conceber esse processo, manifestada por expressões como “praticar o conhecimento”. Esse jeito de encarar o conhecimento ignora seu caráter processual e dialético.

Os autores mencionados acima fizeram essa análise com vistas para o ensino na graduação e na pós-graduação, porém, diferenciando o papel do ensino em cada uma das situações. No caso da graduação, o conhecimento, como processo, necessita ser utilizado a fim de assegurar uma formação científica dos profissionais de nível superior voltada para uma atuação direta na sociedade. Na pós-graduação ou quarto grau, o foco deve estar na formação profissional de cientistas e professores de nível superior com o intuito de formar profissionais capacitados e qualificados a uma atuação direta na sociedade.

Um curso de graduação, que visa formar um profissional preparado, requer professores capazes de delinear as aptidões – gerais e específicas de cada área – a serem desenvolvidas durante o curso de acordo com as demandas da sociedade.

A partir de todas as peculiaridades da profissão Psicologia, caracterizada por diversas psicologias, como tratar duas questões importantes concernentes à formação em Psicologia nas universidades do Brasil: a) o currículo – o que privilegiar sem deixar de contemplar a pluralidade de saberes?; e b) a preparação do exercício profissional e inserção no mercado de trabalho pela perspectiva de cada escola psicológica?

Acredita-se que, de certa maneira, ambas as questões estejam relacionadas, uma vez que o currículo dos cursos privilegia o ensino da teoria de escolas psicológicas clássicas em detrimento da prática, sem uma articulação entre as duas.

Por outro lado, sob uma perspectiva macrossocial, questiona-se aqui de quem de fato a universidade está a serviço? A profissão de Psicologia está em função de quê? Prado Filho (2005) aponta, a partir de Michel Foucault, para a função da “disciplinarização”. Uma

Psicologia direcionada ao sistema vigente que está em função deste a fim de garantir a “normalidade” dos indivíduos por um lado, e a “empregabilidade” por outro.

4.2.2 “E agora, José?”: Sentimentos vividos na busca da inserção profissional

A expressão que nomeia esse trabalho – “*E agora, José?*” – reflete a incerteza sentida pelos recém-formados frente ao futuro. A partir do dia seguinte à formatura e durante a trajetória de busca pela inserção, o caminho que cada participante tem traçado na procura de um emprego ou trabalho remunerado na área em que se graduou ocasionou a vivência de muitos sentimentos.

Em um primeiro momento, logo após a saída da faculdade, os sujeitos viveram o luto pelo final do vínculo com a universidade e com tudo que esta simboliza, além da insegurança diante do novo papel que estavam por assumir, o de profissionais psicólogos. Depois, ao defrontarem-se com o falta de oportunidades e as adversidades durante a busca pela inserção, experimentaram sentimentos de **depressão, ansiedade, baixa auto-estima, angústia, desânimo, medo frente ao futuro, frustração, vergonha, culpa, incompetência e inutilidade**. Até mesmo a psicóloga que estava empregada quando foram realizadas as entrevistas, durante o breve período em que esteve sem emprego, experimentou alguns desses sentimentos.

Os pesquisadores Sarriera, Berlim e Câmara (2000), ao desenvolverem um programa de inserção profissional para jovens desempregados da cidade de Porto Alegre – RS, pontuaram um estudo realizado por Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996) acerca dos sentimentos provocados em jovens sem emprego:

[...] verificou-se que o jovem é afetado, em sua saúde, passando a apresentar sentimentos de depressão, baixa auto-estima e auto-eficácia percebida diminuída. Os mesmos jovens desempregados demonstraram desvalorização de sua experiência escolar e de trabalho, bem como valoração do trabalho como uma forma de obtenção de dinheiro, o que leva muitas vezes, a atitudes de passividade, caracterizadas por sentimentos de ineficiência e limitadas estratégias de ação. (p.3)

O referido estudo confirma, de certo modo, que a condição de não estar inserido no trabalho produtivo traz conseqüências emocionais e psicológicas aos indivíduos. Os jovens

psicólogos da presente pesquisa passaram por muitas experiências durante o processo de busca pela inserção e narraram como foi viver as mazelas dessa busca. A seguir, são apresentados trechos da transcrição de algumas das falas que resumem os sentimentos vividos por eles.

[...] era uma **sensação muito de vazio**. Eu lembro que... (pausa) aconteceu uma coisa que eu achava que não ia me acontecer, de muito **desânimo**, de me sentir assim **deprimida, perdida** demais, muito perdida. Às vezes não dava vontade de fazer nada, ficava o dia todo assim, sabe, sem fazer nada, sem estudar, sem batalhar por algo. Eu me sentia muito mal, me sentia... nossa, minha **auto-estima baixou** demais. Foi bem **angustiante**. (Luisa)

E depois eu passei assim, por várias situações de **angústia**, de ficar angustiada porque não tem nada pra fazer, de acordar assim chateada, sabe? Se eu dormisse até o meio-dia eu ficava com **peso na consciência** por dormir até o meio-dia, mesmo sem ter nada pra fazer. Eu tava meio que **me culpando**. (Melissa)

Olha, eu acho que o sentimento principal de recém-formado é a **insegurança**. Insegurança se vai entrar no mercado de trabalho, insegurança em relação ao que é que vai ser dali pra frente. (Lívia)

O sentimento? Vem a coisa da **incompetência** que eu fico com aquela sensação de que podia fazer alguma coisa específica pra resolver, mas eu não sei exatamente o quê. E também vem aquele negócio do **parasitismo**, porque eu tô em casa consumindo os recursos da minha família e não tô devolvendo nada pra eles [...] eu tô me sentindo **inútil**. Uma **culpa** grande assim, de tipo, esse investimento deles esse tempo todo e eu não tô conseguindo devolver. (Louis)

Porque é uma palavra, acho que, bem forte, relacionada com isso: **frustração**. (Luisa)

Os sentimentos relatados acima estavam muitas vezes relacionados entre si de maneira dinâmica: o desânimo com a depressão; insegurança, sensação de incompetência com a baixa auto-estima, assim como a culpa e a angústia são exemplos de como os participantes se percebiam.

O desânimo, a depressão e a frustração surgiram na medida em que as situações de insucesso na procura por trabalho se estendiam ao longo do tempo. A escassez de oportunidades provocou nesses jovens o questionamento acerca da própria competência em

conseguir e exercer um trabalho, ocasionando a insegurança e o abalo da auto-estima como profissionais.

A angústia e a culpa apareciam por ainda dependerem da família e por, muitas vezes, atribuírem a eles próprios a responsabilidade pelo fato de ainda não terem conseguido emprego. Essa longa busca teve um impacto desestruturante na auto-estima desses jovens, estremecida pela forte sensação de fracasso pessoal.

Os sentimentos de culpa, de vergonha e de menos-valia denunciam uma dinâmica social em que os jovens são responsabilizados pela situação do desemprego por não estarem “aptos” a cumprir os requisitos cada vez mais exigentes da “empregabilidade”. Carregar essa responsabilidade implica a necessidade dos jovens de ampliar a qualificação e desenvolver competências previamente estabelecidas pelo mercado de trabalho, em outras palavras, incorporar a ética (ou a falta desta) do sistema neoliberal por meio da acirrada competição.

Ao analisar esse momento de procura pela inserção no mercado de trabalho após a saída da faculdade, constata-se o sofrimento vivido pelos jovens ao caírem nessa emboscada. Ou seja, partem em busca de qualificação ou estratégias a fim de obterem fundos e ampliar essa qualificação com o objetivo de conseguir, enfim, exercer a profissão em que se graduaram. Assim, o sucesso ou insucesso dessa empreitada passa a residir exclusivamente no plano individual, gerando intenso sofrimento psíquico nos atores sociais dessa odisséia.

Por outro lado, há a questão da sorte, que não pode ser ignorada. A participante Lívia foi a única psicóloga recém-formada que estava inserida profissionalmente na ocasião da entrevista desta pesquisa. Relatou ter sentido angústia, medo e insegurança durante três semanas depois de formada. Após esse período, conseguiu um emprego de psicóloga na organização em que atuava quando ainda estava na graduação. Afirmou que teve muita sorte, pois os colegas que haviam se formado com ela, em sua maioria, estavam desempregados. Ao conseguir o emprego, sentiu um alívio por um lado e por outro, insegurança:

E depois tem um sentimento assim bem de **alívio** de ter conseguido, enfim. Ali tem também certa **insegurança** ainda porque até você se adaptar ao ambiente, às atividades que vai fazer, então... pra eu me sentir segura levou um tempinho. (Lívia)

A fase de procura por emprego e trabalho na conjuntura atual de mercado e globalização provocou nesses jovens sentimentos que comprometeram a auto-estima da maioria e a própria identidade profissional. Foram vivências de cunho pessoal que retratam o

tempo histórico e o momento sociocultural em que vivem, denunciando, portanto, uma realidade inconveniente.

4.2.3 Identidade profissional

Os sentimentos experimentados pelos participantes afetaram significativamente identidade profissional de cada um. A partir das falas, torna-se evidente a fragilização da auto-imagem e as implicações disso em suas vidas. Houve três aspectos que marcaram esse tema: o *fim do vínculo com a universidade* e o que isso representou, a *auto-afirmação como adulto* e a *inserção no mercado de trabalho como confirmação da identidade profissional*.

Fim do vínculo com a universidade

O vínculo com a universidade marca, em especial, a identidade do jovem como estudante. Assim, enquanto a identidade profissional vai sendo paulatinamente constituída durante a faculdade, a identidade de estudante está firmada nesse período. A universidade representou, para esses jovens, o respaldo e a segurança necessários durante a edificação do saber e do fazer do psicólogo. É como se a universidade simbolizasse, metaforicamente, as figuras de pai e mãe de um menor, no sentido de autorizar, confirmar, responder pelos alunos e resolver situações delicadas que poderiam surgir nos estágios. A fala da participante *Melissa* retrata essa percepção:

[...] isso aí foi bem complicado porque quando **eu tinha a universidade atrás de mim que eu podia ir na coordenação** solicitar alguma coisa ou queria fazer alguma coisa eles podiam me ajudar e isso eu não tinha mais. (Melissa)

Por outro lado, o fim desse vínculo significa assumir uma nova identidade que estava sendo constituída, a identidade profissional, e deixar para trás a de estudante. O momento de lançar-se ao mercado de trabalho representou essa transição entre deixar de ser universitário e afirmar-se como psicólogo, contudo, não sem dificuldades. A pergunta, “*E agora, José?*” emerge novamente frente aos jovens, ao não se sentirem mais alunos e, tampouco, ao não se sentirem ainda psicólogos. Seis participantes relataram ter passado por essa fase de transição após a saída da faculdade e durante a busca por um emprego.

Porque no começo tem a coisa do vínculo, né, faculdade... e da identidade também de você ser estudante. Então, veio uma crise assim, um pouco de... **como se eu não me sentisse psicóloga**, mas também não era estudante. (Luisa)

Se, por um lado, a universidade forneceu essa segurança aos estudantes, por outro, não os preparou para o enfrentamento do mercado de trabalho.

Inserção como passagem para a vida adulta

O tema identidade surgiu nas entrevistas não somente sob o aspecto profissional, mas esse aspecto associado a uma identidade dos jovens afirmando-se como adultos e independentes financeiramente. Seis dos participantes entrevistados, além de estarem desempregados, dependiam dos pais para sobreviver e/ou residiam com eles. Por isso, o término da universidade significava para os sujeitos mais do que a auto-afirmação como profissionais, mas também a afirmação como jovens adultos autônomos. A conquista de uma colocação no trabalho produtivo possibilitaria a realização dessa “nova” identidade.

A situação do desemprego frustrou as expectativas desses participantes, pois, na medida em que o tempo foi passando após a formatura, ainda não estavam trabalhando e dependiam de outrem para seu sustento. Algumas de suas falas ilustram essa categoria:

[...] você tá se acostumando a uma nova vida, a um novo estado, a uma **nova identidade**... São tantas mudanças que acontecem juntas, né? Então, isso tudo, até você de novo achar um equilíbrio entre as coisas, vai um tempo (Melanie).

E tem toda uma questão financeira, você quer ganhar seu dinheiro, você quer começar a **construir sua vida** e aí, né, o ambiente às vezes não te possibilita (Melanie).

É meio que um... aí eu não sei, não encontro uma... uma palavra pra definir o sentimento, mas é aquela coisa assim, aquela... daquela situação assim de **já estar com 28 anos e ainda estar morando com os pais, estar desempregado**, estar fazendo uma coisa ou outra assim pra tentar resolver a situação e não estar conseguindo (Louis).

Inserção como afirmação da identidade profissional

A inserção profissional, tal como foi apontada por Dubar (1997) e Jacques (1996), constitui-se como um momento importante na identidade profissional de uma pessoa, pois, a partir do exercício da atividade profissional, ela passa a ser reconhecida paulatinamente com todos os predicados que a definem como profissional de tal categoria, incorporando estes ao seu eu.

No caso dos jovens psicólogos desta pesquisa, seis ainda não haviam conseguido um emprego estável, embora dois estivessem atuando na clínica. Dentre esses dois, um era voluntário, e outra ainda estava pagando para trabalhar. Apenas uma jovem estava empregada.

Desse modo, a identidade profissional dos jovens que ainda não estavam atuando como psicólogos ficou fragilizada, pois, como não haviam conseguido ainda exercer a profissão, não se sentiam reconhecidos. A expectativa deles de realizar essa identidade foi frustrada até aquele momento, visto que não estavam conseguindo colocar em prática o conhecimento desenvolvido na faculdade, a chamada “identidade virtual”, nas palavras de Dubar (1997, p.113), que estavam constituindo ao longo da graduação. Essa fragilização culminou em uma desestruturação identitária e gerou sentimentos de baixa auto-estima e questionamentos acerca da própria competência.

A fala da participante Luisa sintetiza o que todos os participantes desempregados relataram ter sentido em relação à identidade profissional:

Não tinha vínculo com nada, não sabia... eu vi que tinha uma ligação muito forte de não estar trabalhando, principalmente fazendo um trabalho remunerado. **Eu não era psicóloga**. Isso foi bem pesado pra mim, eu me senti muito assim, sabe?(Luisa).

Por outro lado, a participante Lívia, que estava empregada na ocasião da entrevista, teve a oportunidade de experimentar a confirmação de sua identidade profissional por meio do exercício do trabalho como psicóloga. Pôde viver o sonho da maioria que se forma: conquistar um espaço no mercado de trabalho e exercer a profissão que escolheu. Sua fala ilustra como estava se sentindo confirmada no momento da entrevista:

Ah, eu acho que tá sendo um momento assim, bem de **auto-afirmação**, sabe? De eu me identificar com a profissão, **identificar assim como psicóloga**, me identificar como profissional, né? Eu acho que foi uma maturidade, né? um processo que você deixa de ser

estudante, tem algumas regalias, né? Você não é tão cobrada enquanto estagiária, né? Você tem um certo privilégio ainda. Você não responde como profissional. Mas é complicado porque de um dia pro outro, assim, você virou profissional. Então a tua postura, né, muda. O teu relacionamento com as pessoas muda. Na empresa eu devo ter relação desde a vice-presidência até a menina da limpeza. Então, eu acho que isso, assim, me fez crescer, me fez, assim, amadurecer mesmo (Lívia).

A participante Lívia pôde exercer o papel de psicóloga e, assim, sentiu-se psicóloga. A inserção profissional foi quase um “rito de passagem”, um primeiro momento em que experimentou ser reconhecida como profissional. A cada dia, a identidade profissional vai se transformando, se ampliando, em uma constante metamorfose.

5 SÍNTESE FINAL

Instabilidade é a definição que baliza a lógica atual do mercado e as novas relações no mundo do trabalho. Nesse contexto, retomando aqui a idéia de Marx e Engels (1993, p. 69, grifo da autora):

[...] todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. **Tudo o que é sólido se volatiliza, tudo o que era sagrado é profano.**

Assim, os sujeitos desse tempo são marcados pelo profano e volátil em diversas esferas da vida, incluindo a profissional.

As informações apuradas nesta pesquisa desenham um retrato de uma realidade social e econômica um tanto desconfortável e injusta, em que a lógica neoliberal impera e tudo tem um preço; porém, o custo humano desse processo é impagável.

O confronto das expectativas existentes logo após a formatura com as adversidades encontradas nas tentativas de inserção profissional marcou a subjetividade desses jovens de maneira impactante, na medida em que estes se depararam com as contradições no mundo atual do trabalho. As conseqüências subjetivas desse processo, para a maioria desses jovens, foram: abalo da auto-estima, ansiedade, depressão, desestruturação da identidade profissional, insegurança, angústia, medo frente ao futuro, vergonha e culpa.

Logo após a formatura, mesmo ciente das dificuldades que poderia encontrar, a maioria dos jovens psicólogos teve a expectativa de inserção profissional mais rápida. Essa expectativa foi sendo frustrada, na medida em que a inserção profissional se delongava.

A transição de estudante a profissional caracterizou o momento de vida da maioria dos psicólogos deste estudo. A grande dificuldade dessa etapa consistiu em realizar essa passagem, pois não se estava nem de um lado e nem de outro. Viveu-se a polaridade com todas as facetas possíveis: ser psicólogo e não ser ainda profissional. Se, por um lado, essa condição de transição, somada às dificuldades do mercado de trabalho, delongou-se para além do esperado, por outro, possibilitou a alguns dos jovens identificar a área, dentro da Psicologia, na qual realmente gostariam de atuar.

A crença de que o diploma universitário seria suficiente para a conquista de um emprego já não faz mais parte dos paradigmas desses jovens. Dessa forma, partiram em busca da educação continuada e de estratégias diversas de inserção: desde trabalho sem

remuneração para conseguir experiência, até a busca por empregos que exijam menos escolaridade ou subempregos, para investirem, enfim, na tão exigida qualificação.

Ao mesmo tempo em que percebem a lógica do mercado de trabalho, caem na armadilha da “empregabilidade” e sentem culpa por não se considerarem suficientemente qualificados (ou preparados) para enfrentar essa lógica. Ocorre, então, uma ambivalência de sentimentos e certa confusão acerca da localização social de cada um. É inevitável o questionamento que sintetiza essa ambigüidade: “Afinal, quem sou? Sou psicólogo, mas não estou trabalhando. Sou adulto e não sou independente financeiramente”. Por outro lado, o processo de autculpabilização fica evidente quando acreditam que não atendem individualmente às exigências do mercado. Percebeu-se, todavia, certo ressentimento com as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho embotado nas falas, evidenciando um senso crítico em relação a essa lógica vigente.

Em relação à identidade profissional, os participantes da presente pesquisa localizam-se na passagem do estágio do saber para o estágio do fazer (KRAWULSKI, 2004). A saída da faculdade e o ingresso no mercado de trabalho caracterizaram para esses jovens o período no qual buscaram confirmar a identidade profissional por meio do exercício do trabalho. As dificuldades de inserção profissional provocaram nesses recém-graduados uma desestruturação identitária, pois não estavam conseguindo concretizar o saber em fazer. A não inserção não confirmou a identidade profissional atribuída pela graduação. As barreiras encontradas no mundo do trabalho, assim como a falta de preparo para enfrentar esse momento, conduziram a uma postergação desse intento.

Concomitantemente, a identidade desses jovens como adultos foi por eles percebida como aquém do que almejavam: o processo de graduar-se e conquistar um emprego que assegurasse o seu sustento simbolizava o desejo da realização dessa identidade de adultos. A escassez de referências que dissertem sobre esse momento de vida, os vinte e tantos anos, tanto na literatura psicológica quanto na sociológica, dificulta uma melhor compreensão dessa situação.

Apesar das dificuldades, todos persistem na busca pela inserção profissional como psicólogos; todos se visualizaram no futuro empregados, bem-sucedidos profissionalmente, trabalhando com consultoria, clínica e/ou docência. Algumas pesquisas, no entanto, apontam a existência de uma parcela dessa população de jovens recém-formados que acabam desistindo da profissão escolhida para conseguir qualquer outro emprego (NUNES; CARVALHO, 2006).

A trajetória percorrida na busca pela inserção profissional começou, de fato, após a formatura no curso de Psicologia, recorrendo a estratégias de inserção, como o envio de currículos para empresas privadas da região via *Internet*, a participação em concursos públicos para vagas em Psicologia, ou oportunidades que exigissem apenas o ensino médio. Alguns, ainda, realizaram trabalhos voluntários, a fim de adquirir experiência e expandir a rede de contatos, ao passo que outros optaram pela continuidade dos estudos. Uma outra tática bastante mencionada foi a procura de algum emprego com exigência de menor escolaridade para poderem pagar uma pós-graduação na área na qual se graduaram, ou para sustentar o investimento na clínica.

Embora essas estratégias sejam utilizadas classicamente por todos que procuram emprego, questiona-se se tais estratégias são de fato compatíveis com a atual conjuntura do mercado de trabalho. A maioria das estratégias utilizadas visava à conquista de um emprego estável e caracterizava-se por uma forma tradicional de procurar a inserção. Frente a uma realidade em que o instável e o fugaz são o marco desse tempo, quiçá, novas estratégias possam ser vislumbradas. A esse respeito, a psicóloga Melanie trouxe, em uma de suas falas, a necessidade de tentar algo diferente:

[...] você não pode deixar que essa situação de ser difícil torne isso impossível pra você. Que é o que eu vejo muita gente falando, assim: "ah, já comecei a fazer outra coisa porque Psicologia não dá", não vou pra outra área... Eu vejo que tá difícil, eu sei que tá difícil, mas isso pra mim é um desafio. Não é um obstáculo. O ser difícil é um desafio pra então, vamos ver, **o que é que dá pra fazer de diferente**, ou tentar outras coisas.

Buscar novas possibilidades de inserção não significa ignorar as contradições e adversidades no mundo do trabalho, e, tampouco, responsabilizar o indivíduo pela crise. Significa buscar alternativas concretas, diante do novo, para não sucumbir às dificuldades, e, ao mesmo tempo, reconhecer e posicionar-se criticamente em relação a estas.

No que diz respeito à responsabilidade do governo, as políticas públicas implementadas pelo Governo Federal brasileiro no sentido de facilitar a conquista do primeiro emprego para jovens privilegiam o público entre 16 e 24 anos, procedentes do ensino médio e/ou técnico (MINISTÉRIO DO TRABALHO e EMPREGO, 2007). O público que conclui o ensino superior, teoricamente, seria privilegiado, frente aos milhões de brasileiros que mal sabem ler e escrever. No entanto, pesquisas do Observatório Universitário (NUNES; CARVALHO, 2006) apontam que o ensino superior no Brasil é um grande equívoco, pois

parte expressiva dos seus egressos acaba não trabalhando em sua área de graduação. Caracteriza-se, portanto, uma lacuna de políticas públicas no tocante ao ensino superior e à inserção profissional.

A realidade do mundo do trabalho mudou em todas as áreas, inclusive na Psicologia, pois exige cada vez mais qualificação e experiência. A academia, por sua vez, não está preparando adequadamente os profissionais para essa nova realidade, existindo um descompasso entre os currículos acadêmicos e as demandas sociais. Não se estabelece uma relação entre teoria e realidade no ensino de Psicologia. Persiste o ultrapassado paradigma fragmentado de primeiro o aluno se formar para depois se inserir no mundo do trabalho, como se o aprendizado não requeresse uma relação com a prática.

Diante dessa lacuna deixada pela academia na formação dos novos profissionais, um programa de inserção profissional, conforme sugerido por Sarriera *et al.* (2000), poderia ajudar os jovens recém-formados a fortalecerem a tolerância a diversas frustrações e os mecanismos psicológicos de superação dessa situação sem que carreguem para si toda a culpa pelas adversidades encontradas após obterem seu diploma de nível superior.

O planejamento da carreira, bem como a identificação do foco de atuação profissional na área na qual se almeja atuar, pode ser mais um facilitador de inserção profissional. Em contato posterior à entrevista, a psicóloga Luisa contou que, três meses depois do momento de coleta de dados para este estudo, conseguiu um emprego na área em que realmente queria trabalhar. Afirmou ter conseguido se inserir somente após ter concentrado suas estratégias na área de sua preferência: psicologia hospitalar.

Este estudo não responde a todas as perguntas e inquietações sobre a inserção de recém-formados no mercado de trabalho. Ainda há muito que se investigar acerca desse tema tão relevante. Sugere-se, então, a partir dessa investigação, a realização de novas pesquisas focalizando diferentes áreas, especialmente no campo das ciências tecnológicas, nas quais supostamente a inserção profissional ocorra de maneira mais rápida, ou, ao menos, diferenciada em relação à Psicologia, uma vez que as demandas são maiores e mais diversificadas.

Considerando a escassez de estudos psicológicos sobre jovens na faixa dos vinte e tantos anos, sugerem-se, ainda, pesquisas referentes a esse público, contemplando as diferenças econômicas e culturais do País.

Há a urgente necessidade de estudos, projetos e implementação de mudanças estruturais no ensino superior na Psicologia, bem como em diversas áreas. A falta de

vinculação entre teoria e a realidade do mundo aumenta ainda mais as dificuldades de inserção dos jovens profissionais.

Embora a problemática tratada neste estudo seja estrutural e, portanto, complexa, o questionamento “*E agora, José?*” deve ser inserido no debate universitário já durante a formação acadêmica, tanto na identificação de novas demandas, como na estruturação de novas estratégias. Assim, Josés e Marias não se sentiriam tão impactados ao se indagarem: e agora?

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. (2007) Inserção profissional dos jovens: do problema social ao objecto sociológico. Disponível em: <http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-02.htm>> Acesso em 28/01/2007.
- ANDRADE, C. D. de. **Antologia Poética**. 58 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006, p.30.
- ANTUNES, R. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, n.1, ano 2, p.55-59, 1999.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, cap. 5.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BOCK, A.M.; FURTADO, O. e TEIXEIRA, M.L. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 1 ed. Porto: Porto, 1994.
- BOTOMÉ, S. P.; KUBO, O. M. Responsabilidade social dos programas de pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior. **Interação em Psicologia**, Curitiba, n. 6 (1), p. 81-110, 2002
- BRASIL. Conselho Nacional da Saúde. **Resolução nº 196**, de 16 de outubro de 1996. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/deliberacoes/reso_96.htm>. Acesso em: 15 set. 2006.
- CAPES (2005), www.periodicos.capes.gov.br> Acesso em: 12 mar. 2005.
- CIAMPA, A. C. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. **Interações**. São Marcos. v. III, n.6. p.87-101, 1998.
- CODO, W. Um diagnóstico do trabalho em busca do prazer. In: TAMAYO, A; BORGES ANDRADE, J. E.; CODO, W. **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1996.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 16**, de 20 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.pol.org.br/arquivos_pdf/resoluções/2000>. Acesso em: 15 set. 2006.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Decreto nº 53.464 de 21-01-1964**. Disponível em: http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/decreto_n_53.464.pdf> . Acesso em: 30 mar. 2007.

COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. **Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis**. In: Psicologia e Sociedade. Porto Alegre. 2007 (prelo).

DIAS, M.D. (2000) **O grupo de planejamento de carreira como um *holding* no resgate da identidade profissional**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social da Universidade de São Paulo – USP, SP, 2000.

DICIONÁRIO HOUAISS (2005), <http://houaiss.uol.com.br>> Acesso em: 05 mar. 2005.

DIEESE. A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos. **Estudos e Pesquisas**. São Paulo, ano 3. n. 24, 2006.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. 1. ed. Porto: Porto Editora, 1997.

FELISBERTO, R.F.T. **Tenho um diploma universitário, mas não tenho emprego: histórias de vida de pessoas que vivem a experiência do desemprego**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2001.

FLORI, P. M. Desemprego de jovens no Brasil. In: **I Congresso da Associação Latino-Americana de População**. Caxambu. Anais. Caxambu: ALAP, 2004.

FRANCO, M. L. P. B. **Ensino Médio: desafios e reflexões**. Campinas: Papirus, 1994.

FRIGOTTO, G. A política de formação técnico-profissional, globalização excludente e o desemprego estrutural. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/a_politica_de_formacao.asp?f_id_artigo=181>. Acesso em: 06 fev. 2007.

GALEAZZI, I. Desemprego. In: CATTANI, A. D. **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002, p.68.

GUIMARÃES, R.F. & GOULART, I.B. **Flechados em pleno vôo: estudo sobre impactos psicossociais e identitários que a dificuldade de inserção profissional imprime em jovens recém-graduados no ensino superior**. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Anais, XXXII Reunião Anual de Psicologia, Ribeirão Preto: SBP, 2002.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

INDEX PSI PERIÓDICOS (2005), www.bvs-psi.org.br> Acesso em: 12 mar. 2005.

JACQUES, M. da G. C. Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. In: TAMAIO, A.; BORGES-ANDRADE, J. E.; CODO, W. **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1996.

JACQUES, M. da G. C. Identidade e trabalho. In: CATTANI, A. D. **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. Petrópolis: Vozes. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

KRAWULSKI, E. **Evolução do conceito de trabalho através da história e sua percepção pelos trabalhadores de hoje**. 124 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

KRAWULSKI, E. **Construção da identidade Profissional do Psicólogo: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício cotidiano da profissão**. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2003.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**. v. VII, n.13, p.31-44, 2002.

MARX, K. Manuscritos Econômicos e filosóficos. In: FROMM, E. **O conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar. 1983.

MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto do partido comunista**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

MELO, S.L. **O significado do trabalho entre jovens em transição de estudante universitário a profissional**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Disponível em: <http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2007.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NEIVA, K.M.C. Fim dos estudos universitários: efeitos das dificuldades do mercado de trabalho na representação do futuro profissional e no estabelecimento de projetos pós-universitários dos estudantes. **Psicologia** – USP, São Paulo, v. 7, n.1/2, 1996.

NUNES, E.; CARVALHO, M. (2006) O Grande Equívoco do Ensino Superior Brasileiro: um ensino profissional que não se aplica às profissões que o defendem. **Observatório Universitário**. Documento de Trabalho n. 58. Disponível em: <http://www.observatoriouniversitario.org.br/principal.htm>>. Acesso em: 06 fev. 2007.

OLABUÉNAGA, J.R. **Metodología de la investigación cualitativa**. Silbao: Universidad de Deusto, 1999.

POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

PRADO FILHO, K. Para uma arqueologia da Psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases). In: GRARESCHI, N.M.F. (org); HÜNING, S.M. (org). **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**; o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SARRIERA, J.C.; CÂMARA, S.G.; BERLIM, C.S. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre. v. 13, n.1, 2000.

SARTRE, J. P. Questão de Método. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

SAWAIA, B.B. Comunidade como ética e estética da existência. Uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. **Psykhé**. Santiago. v. 8, n.1, p.19-25, 1999.

SCHOOLAR GOOGLE (2006, 2007), <http://scholar.google.com.br>> Acessos em: 9 out. 2006 e 25 mar. 2007.

SCIELO (2005), <http://www.scielo.br>> Acesso em 12 mar. 2006.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. O que é Orientação Profissional? In: SOARES-LUCCHIARI, D. H. P. (org.). **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. 5 ed. São Paulo: Summus, 1993.

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. **Psicologia da Educação – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados**. São Paulo. v. 10/11, 2000.

TEIXEIRA, M.A.P. Estou me formando...e agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto. v. 5 (1) pp.47-62,2004.

WICKERT, L.F. Desemprego e Juventude: Jovens em Busca do Primeiro Emprego. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília. N. 26 (2), p. 258-269, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Raquel Guedes Pimentel e estou desenvolvendo minha pesquisa de Mestrado na área de Psicologia intitulada “E AGORA JOSÉ? ESTUDO SOBRE JOVENS RECÉM-FORMADOS NO MOMENTO DE BUSCA DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO”, com o intuito de identificar como os jovens recémformados vivenciam sua inserção no mercado de trabalho.

O presente estudo é relevante, pois por um lado, a inserção dos jovens figura-se como um problema social devido à escassez de oportunidades em relação ao número de recém-formados anualmente e às implicações que esse fato possui na identidade profissional desses jovens, e, por outro lado, teoricamente há poucos trabalhos acerca desse tema tão atual. Pretende-se, então, a partir da investigação de como os jovens vivenciam esse momento de inserção, apontar possíveis caminhos teóricos para uma compreensão ampliada da questão e caminhos práticos no sentido de vislumbrar possibilidades de ação perante o problema.

Para tanto, solicito sua permissão para realizar uma entrevista, com o objetivo de conhecer o contexto histórico, cultural e social em que você está inserido (a), bem como aspectos pessoais referentes ao processo de inserção no mercado de trabalho.

Isto não trará riscos aos envolvidos. Esperamos que este estudo possa trazer-lhe benefícios na medida em que terá a oportunidade de vislumbrar esse período que está vivenciando e seu futuro profissional. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo, ou não quiser mais fazer parte deste, pode entrar em contato pelo telefone (48) 8404-1103, ou pelo *email* raquelgpimentel@hotmail.com. Asseguro que você não será identificado (a) e todas as informações por você fornecidas serão confidenciais, sendo utilizadas somente nesta pesquisa.

Raquel Guedes Pimentel
(pesquisadora principal)

Dulce Helena Penna Soares
(orientadora da pesquisadora principal)

Consentimento pós-informação

Eu, _____, fui esclarecido (a) sobre a Pesquisa e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, ____ de _____ de 2006.

Assinatura: _____ Registro Geral (RG): _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Universidade Federal de Santa Catarina
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Área: Práticas Sociais e Constituição do Sujeito
 Linha de pesquisa: Relações de poder e escolha profissional em contextos sociais
 Mestranda: Raquel Guedes Pimentel Orientadora: Profa. Dra. Dulce Helena Penna Soares

Participante (nome fictício): _____ Data: ____/____/____ Início: _____ Término: _____ Local: _____

Perfil do (a) entrevistado (a)

Estado civil: _____ Sexo: _____
 Tempo de formado: _____ Instituição/Local onde se formou: _____
 Ano em que se formou: _____
 Idade (anos completos): _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

• **O SIGNIFICADO DE SER PSICÓLOGO**

- O que era ser psicólogo para você antes de se formar?
- O que é ser psicólogo para você hoje?
- Você se identifica com a profissão a qual se formou? [ou você se sente psicólogo (a)]

• **A TRAJETÓRIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

- Como foi a sua formação universitária?
- Como foram suas experiências de prática profissional ao longo da graduação? (estágios, pesquisa, extensão etc.)
- Quais foram as maiores dificuldades em sua formação?
- Quais foram seus sentimentos e expectativas no último ano da faculdade?
- Quais áreas de atuação do psicólogo você mais se identificou?

• **APÓS A FORMATURA: O PROCESSO DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO**

- Como está sendo esse período desde que você se graduou até agora?
- Como você se sente (sentiu) nesse período desde que você se formou até agora?
- Como foram (ou estão sendo) as suas incursões pelo mercado de trabalho após a formatura?
- Quais estratégias você utilizou para fazer a inserção?
- Quais dificuldades que você encontrou no processo de inserção?
- Em que áreas você buscou se inserir?
- Você faz (fez) alguma pós-graduação?
- Como sua rede de relacionamentos lida com esse momento de sua vida?

• **PROJEÇÃO PROFISSIONAL**

- Como você se imagina daqui a 2 anos profissionalmente?
- E daqui a 10 anos?
- Em que áreas pensa em atuar?

ANEXOS

ANEXO A – PARECER NÚMERO 261/2006



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARNA
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
 TELEFONE (048) 234-1755 - FAX (048) 234-4069

PARECER CONSUBSTANCIADO - PROJETO Nº 261/2006

I – IDENTIFICAÇÃO

Título do projeto: “E agora José? Estudo sobre jovens recém formados na busca de inserção no mercado de trabalho”.

Área: Psicologia

Pesquisador Responsável: Dulce Helena Penna Soares

Pesquisador Principal: Raquel Guedes Pimentel

Data da coleta dos dados: 07 a 25 de novembro de 2006.

Instituição em que será realizado o estudo: UFSC

II – Objetivos

Gerais: Identificar como os jovens recém formados vivenciam sua inserção no mercado de trabalho.

Específicos: Identificar o que é ser recém graduado para o jovem; Identificar e analisar como as condições envolvidas para a inserção no mercado de trabalho são percebidas pelos jovens; Perceber se o jovem se identifica com a profissão na qual se graduou e se sente parte da categoria; Identificar quais as estratégias o jovem utiliza para fazer a inserção; Identificar as dificuldades que o jovem encontra no processo de inserção.

III – SUMÁRIO DO PROJETO: Trata-se de um projeto de mestrado em psicologia. Serão entrevistados de 8 a 10 jovens de 23 a 27 anos formados em psicologia a menos de dois anos, localizados a partir de redes sociais. O estudo qualitativo por meio de análise de conteúdo quer compreender e aprofundar o processo do recém formado em psicologia no processo de inclusão no mercado de trabalho.

IV – COMENTÁRIO: A pesquisa tem relevância científica e social. O tema faz parte da linha de atuação do pesquisador. O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) está adequado. O projeto contém os documentos necessários.

(X) aprovado

Parecer:

Tendo em vista o exposto, somos de parecer à aprovação do projeto.

Informamos que o parecer dos relatores foi aprovado, em reunião deste Comitê na data de 30 de outubro de 2006.

Vera Lucia Bosco

Vera Lucia Bosco - Coordenadora do CEP

Fonte: CONEP/ANVS - Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS.

ANEXO B – TABELA CORRELACIONANDO DIPLOMA E OCUPAÇÃO

A tabela a seguir mostra a correlação entre o diploma e a ocupação em pessoas com 23 anos ou mais no ano de 2000 no Brasil.

- Pessoas de 23 anos ou mais de idade com graduação como nível mais elevado concluído e a taxa de correspondência entre diploma e ocupação segundo o curso de graduação concluído - Brasil - 2000

Cursos de Graduação de profissões regulamentadas e coletadas pelo Censo	Pessoas de 23 anos ou mais e graduação como nível mais elevado concluído e com trabalho remunerado			
	Total	Área correspondente à formação		% Sim
		Sim	Não	
TOTAL	3.152.635	1.463.719	1.688.916	46,4%
Administração	511.847	237.440	274.407	46,4%
Arquitetura e Urbanismo	53.218	33.407	19.811	62,8%
Biblioteconomia	14.389	7.960	6.429	55,3%
Biologia	73.551	7.174	66.377	9,8%
Ciências Contábeis	233.006	92.721	140.285	39,8%
Ciências Econômicas	135.844	12.416	123.428	9,1%
Comunicação Social	139.960	38.700	101.260	27,7%
Direito	494.568	253.748	240.820	51,3%
Educação Física	106.376	48.957	57.419	46,0%
Enfermagem	61.109	51.349	9.760	84,0%
Engenharias	366.300	121.255	245.045	33,1%
Estatística	3.935	684	3.251	17,4%
Farmácia	42.710	29.317	13.393	68,6%
Geografia	49.051	504	48.547	1,0%
Geologia	4.479	1.909	2.570	42,6%
Medicina	200.441	150.455	49.986	75,1%
Medicina Veterinária	26.326	16.469	9.857	62,6%
Odontologia	144.267	102.794	41.473	71,3%
Pedagogia	370.754	208.543	162.211	56,2%
Psicologia	95.091	42.851	52.240	45,1%
Química	25.413	5.066	20.347	19,9%

Fonte: Tabulação do Observatório Universitário com os microdados do Censo Demográfico de 2000 do IBGE.